



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
CURSO DE HISTÓRIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM BACHARELADO

Matheus Pinheiro Teutschbein

Juiz de Fora

2015

**“Agosto de 1954: as reações da população de Juiz de Fora frente ao
suicídio do presidente Getúlio Vargas”**

*Trabalho de conclusão de curso elaborado sob
a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Valéria Marques
Lobo, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em História.*

Matheus Pinheiro Teutschbein

Juiz de Fora

2015

“Saio da vida para entrar na história.”

VARGAS, Getúlio.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, é necessário assinalar que esse trabalho é o resultado final de quase 6 anos de vida acadêmica no curso de História, uma rotina que teve seus altos e baixos, mas que, ao fim, fez valer à pena todos os meus esforços no sentido da realização de um sonho pessoal.

Ao longo de minha trajetória muitos indivíduos passaram e em muito colaboraram para a minha formação. Contudo, aqueles que sempre permaneceram ao meu lado são os dignos dos maiores agradecimentos.

Nesse momento de agradecimentos é necessário se ter cuidado e, por justiça, começo pelo Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, na forma do seu corpo docente, extremamente competente. Em especial, destaco os (as) seguintes professores (as): à Prof^a. Dr^a. Valéria Marques Lobo, orientadora desse trabalho de conclusão de curso e que desde o embrião do tema proposto acreditou em mim, me auxiliando nos mínimos detalhes; à Prof^a. Dr^a. Claudia Maria Ribeiro Viscardi; ao Prof. Dr. Ignacio José Godinho Delgado; à Prof^a. Dr^a. Silvana Mota Barbosa; à Prof^a. Dr^a. Sonia Cristina Machado da Fonseca Lino; à Prof^a. Dr^a. Carla Maria Carvalho de Almeida; à Prof^a. Dr^a. Ludmilla Savry dos Santos Almeida; à Prof^a. Monica Ribeiro de Oliveira; à Prof^a. Dr^a. Vanda Arantes do Vale.

Agradeço também meus familiares por todo o incentivo, ajuda financeira, paciência e respeito pelas minhas escolhas acadêmicas.

Aos colegas de classe, Thaís Lombardi, Letícia Fracetti, Victor Hugo Mitterofhe, Mariane Gonçalves, Deise Medeiros, Leandro Almeida, Thamiris Negreiros, Rafaela Valle, Rafael Braga, Guilherme Queiroz e, em memória, de Hugo Rodrigues Franco, por todos os momentos de riso, reflexão, companheirismo e dedicação.

Aos meus professores do Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora - instituição que me formou como aluno e cidadão - sempre me caracterizaram como excelente aluno e sempre pude corresponder às expectativas depositadas sobre mim, em especial ao Professor Tancredo Braga de Oliveira, amigo e colaborador desse trabalho.

Enfim, estes agradecimentos são extensivos a todas as pessoas que passaram em minha vida e que, de uma forma ou outra, deixaram algo de especial...

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso de História, na modalidade bacharelado, intitulado “*Agosto de 1954: as reações da população de Juiz de Fora frente ao suicídio do presidente Getúlio Vargas*” tem intuito de resgatar um importante fato que completou 60 anos em 2014, episódio esse que alterou a trajetória do Brasil, acabando por reconstituir, de uma maneira ou de outra, a conjuntura política que agitou o município de Juiz de Fora em meados de 1950 – se constituindo um lacuna que precisa ser preenchida - e que determinou os rumos da cidade em 03 de outubro de 1954, acontecimentos esses que poucos pesquisadores (historiadores ou/e jornalistas), até então, averiguaram e debateram. Assim, essa pesquisa enfocará no pós-24 de agosto de 1954 na cidade de Juiz de Fora, objetivando resgatar as possíveis manifestações dos juiz-foranos aqui no município, perpassando os feitos do segundo governo Vargas e as manifestações populares decorrentes de sua morte pelo Brasil.

Além disso, torna-se importante citar, ainda que de forma concisa, a existência do elo entre o ex-presidente Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954) e nossa cidade, no tocante às suas visitas, principalmente durante a década de 1930 – quando foi hóspede da Fazenda de São Mateus, propriedade da tradicional família juiz-forana Rezende Tostes. Ainda, me valerei do suicídio para analisar em que ponto esse fato interferiu no rumo das eleições de 03 de outubro daquele ano em Juiz de Fora.

Palavras-chave: Vargas; suicídio; Getúlio; Juiz de Fora; 24 de agosto; 1954.

ABSTRACT

This work for the History Course completion in BA mode, titled “August, 1954: the reactions of the population of Juiz de Fora to the suicide of the President Getúlio Vargas” aims to rescue an important fact which completed 60 years in 2014. This episode has changed the Brazilian trajectory, and eventually rebuilds, in one way or another, the political situation that stirred the city of Juiz de Fora in the mid 1950s – opening a gap that needs to be filled - and that has determined the course of the city on October 3rd, 1954. These events so far have been investigated and discussed by a few researchers (historians and / or journalists). Thus, this research will focus on the post- August 24th, 1954 period, in this city, in order to rescue the possible reactions of the city population to the deeds of the second term of Getúlio Vargas and the popular manifestations caused by his death in Brazil.

In addition, it is important to mention, though concisely, the existence of the link between the President Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954) and our city, considering his visits to our city, especially during the late 1930s - when he was a guest of Fazenda São Mateus, owned by a traditional family - Rezende Tostes. Still, I will analyse the effects of his suicide on the election process on October 3rd of that same year, in Juiz de Fora.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1:** Homenagem da Associação Comercial de Juiz de Fora no Jornal Gazeta Comercial, em 07 de setembro de 1954, ao falecido presidente Getúlio Vargas.....13
- Imagem 2:** Inauguração do monumento em homenagem a Getúlio Vargas no Largo do Riachuelo (centro de Juiz de Fora).....14
- Imagem 3:** Manutenção da ordem pública em Juiz de Fora após as notícias do suicídio de Vargas.....36
- Imagem 4:** Visita de Getúlio Vargas a Juiz de Fora em 1935.....56
- Imagem 5:** “Visita de Getúlio Vargas à Fazenda de São Mateus – Juiz de Fora”57
- Imagem 6:** “Homenagem das classes conservadoras de Juiz de Fora ao presidente Getúlio Vargas, que estava em visita à cidade em maio de 1945” 58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação Ministério/Ministro/Período no Segundo Governo Vargas.....	16
Tabela 2: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Executivo (prefeito).....	43
Tabela 3: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Executivo (vice-prefeito).....	43
Tabela 4: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Legislativo.....	43
Tabela 5: Resultado das eleições para Senador em Juiz de Fora (1954).....	44
Tabela 6: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Legendas para vereadores.....	44
Tabela 7: Resultado das eleições para Deputado Estadual em Juiz de Fora (1954).....	44
Tabela 8: Resultado das eleições para Deputado Federal em Juiz de Fora (1954).....	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Executivo (prefeito).....	45
Gráfico 2: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Executivo (vice-prefeito)	45
Gráfico 3: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Legendas para vereadores.....	46
Gráfico 4: Número de vereadores eleitos por partido.....	46
Gráfico 5: Resultado das eleições para Deputado Estadual em Juiz de Fora (1954)	47
Gráfico 6: Resultado das eleições para Senador em Juiz de Fora (1954)	47
Gráfico 7: Resultado das eleições para Deputado Federal em Juiz de Fora (1954)	47

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ONU: Organização das Nações Unidas

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PDC: Partido Democrata Cristão

PR: Partido Republicano

PRP: Partido Republicano Progressista

PSB: Partido Socialista Brasileiro

PSD: Partido Social Democrático

PSP: Partido Social Progressista

PST: Partido Social Trabalhista

PTB: Partido Trabalhista Brasileiro

PTN: Partido Trabalhista Cristão

UDN: União Democrática Nacional

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1: Getúlio Vargas e Juiz de Fora: estreitas ligações.....	8
Capítulo 2: O segundo governo Vargas: da volta nos braços do povo ao suicídio.....	15
Capítulo 3: De norte a sul: o 24 de agosto no Brasil.....	22
Capítulo 4: As repercussões do suicídio de Vargas em Juiz de Fora.....	33
Capítulo 5: As eleições municipais de outubro de 1954: herança política de Vargas?.....	40
Conclusão.....	50
Referências Bibliográficas.....	52
Anexos.....	56

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo principal investigar se nos dias subsequentes ao suicídio do presidente Getúlio Vargas foram verificados, na cidade de Juiz de Fora, os mesmos acontecimentos turbulentos noticiados em outras cidades do Brasil e, em que medida podem, ou não, ter influenciado em determinadas atitudes dos mineiros, estando em foco a identificação às várias formas de protestos populares, o que revelará ideias, crenças, tradições, expectativas e a maneira como sujeitos comuns, em meados da década de 1950, organizavam a realidade social e política em suas mentes, como ressalta E. P. Thompson.¹

Portanto, vou-me concentrar, substantivamente, nos atores sociais que, por muitas vezes, são ignorados pela historiografia tradicional, ou seja, os juiz-foranos, homens e mulheres da década de 1950 que, certamente, do mesmo modo que em outras cidades, ficaram consternados, chocados com o desaparecimento de sua referência política: o senhor presidente Getúlio Dorneles Vargas; aquele responsável por uma ampla reforma trabalhista, criando leis que agradaram os trabalhadores, e forjando, por meio de práticas populistas e paternalistas, uma imagem positiva perante a maioria da população.

Ora, se pretendo analisar os personagens sociais pouco estudados pela historiografia, estarei me pautando em uma “história vista de baixo”, colocando em questão perspectivas distantes daquelas proclamadas pelo tradicionalismo histórico. De acordo com Peter Burke, “a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história.”² Assim, as antes desqualificadas “camadas inferiores da sociedade” agora são caracterizadas como possuidoras de uma cultura própria, formas de resistência, atitudes particulares de organização e autodefesa³.

¹ THOMPSON, Edward Palmer. **A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

² BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 12.

³ RUDÉ, George. **Ideologia e protesto popular**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. HOBSBAWM, Eric. **Rebeldes primitivos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. THOMPSON, E.P. **Tradición, revuelta y consciencia de classe**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

Esse estudo envolverá um processo que abarca um diálogo entre a micro e a macro história, tendo como base um acontecimento em âmbito nacional com enfoque em uma localidade específica, neste caso nosso município.⁴

Geograficamente, a escolha por Juiz de Fora se deu por ser uma das cidades mais respeitadas em âmbito nacional, possuidora de uma bela história, mas que vem sendo pouco pesquisada no tocante à segunda metade do século passado, além de ter sido a localidade escolhida para o lançamento da candidatura de Vargas, em 1929, ao cargo de Presidente da República no pleito de 1º de março de 1930⁵, fato esse pouco conhecido em âmbito nacional.

Temporalmente, estarão em pauta os anos de 1933, 1934, 1935, 1936 - que caracterizam o período de vigência dos governos provisório e constitucional -, 1945 – ano de encerramento do Estado Novo, com a deposição de Vargas pelos militares -, 1950 a 1954 – da eleição de Vargas às eleições para cargos nos governos estaduais, no Senado Federal, na Câmara dos Deputados e nas Assembleias Legislativas no Brasil – e, por fim, 1959 – data de inauguração do busto em homenagem à Vargas no Largo do Riachuelo, em nosso município, com presença de inúmeros políticos e a população local.

Getúlio tem seu nome gravado na história do país e o estudo das manifestações populares por todo o Brasil, no pós-suicídio, demonstra o quão importante foi (e ainda é) a figura do ex-presidente, sobretudo na memória dos mais velhos, como aponta o historiador Luciano Aronne de Abreu.⁶ Contudo, a imagem do presidente gaúcho no cenário nacional, que governou o país por quase dezenove anos, é apontada como polêmica e controversa, alvo de inúmeros debates nos círculos acadêmicos atuais, sobretudo em função de seus feitos e de sua personalidade, “ora visto como estadista, ora como ditador, desenvolvimentista ou ortodoxo, intervencionista ou autoritário, nacionalista ou entreguista, elitista ou populista.”⁷

Todavia, não se tem aqui o intuito de constituir como uma biografia, tampouco julgá-lo ou idolatrá-lo, mas sim revelar os últimos instantes de sua vida e toda uma comoção que agitou o país a partir do seu fatídico suicídio. Biografias a seu respeito há aos montes, escritas desde

⁴ REVEL, Jacques. “Microanálise e a construção do social”. In: **Jogos de escala**. A experiência da microanálise. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁵ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora: Diários Associados, 04/08/1945, edição: 12.562, página 06.

⁶ ABREU, Luciano Aronne. **Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30)**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1997.

⁷ COSTA, Marcos Egídio. “**Getúlio Vargas, Estado e desenvolvimento**”. (Monografia para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Econômicas do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina). Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. 123 páginas.

seus biógrafos oficiais, passando por historiadores e chegando às mãos de jornalistas (NETO, 2012).⁸ Dessa forma, “muitos são os estudos acadêmicos, publicados em livro ou lidos ainda no formato de dissertações de mestrado e, particularmente, teses de doutorado. Getúlio, como não poderia deixar de ser, é um tema que desperta interesse privilegiado na universidade brasileira.”⁹ (NETO, 2012)

Esse trabalho de conclusão de curso se justifica pelo fato de, exceto alguns pouquíssimos temas, como o golpe de 1964 e sindicalismo, raramente se estuda o período de 1945 a 1964. Ainda, a importância desse estudo se apoia em sua contribuição para a expansão do universo da temática do suicídio de Getúlio que, desde 1994, está concentrada nas repercussões do acontecido nos grandes centros urbanos do país. Logo, é preciso focar nas pequenas e médias cidades que, igualmente, estamparam nas capas de seus jornais matinais e vespertinos os reflexos locais e nacionais após o ocorrido em 24 de agosto de 1954.

No capítulo 1 “**Getúlio Vargas e Juiz de Fora: estreitas ligações**”, serão mencionados a constituição dos fortes laços existentes entre o presidente Getúlio Vargas, durante seu primeiro período no poder (1930-1945), e a cidade de Juiz de Fora, localizada na parte sul da Zona da Mata Mineira, estando à 190 quilômetros da capital do país, o Rio de Janeiro, e à 270 quilômetros da capital do Estado, Belo Horizonte¹⁰, o que pode explicar tamanha consternação verificada naqueles fins de agosto de 1954.

Já no capítulo 2, intitulado “**O segundo governo Vargas: da volta nos braços do povo ao suicídio**”, apresento a trajetória do presidente Getúlio Vargas durante o seu segundo governo (1951-1954), desde a posse até o suicídio.

Em relação ao capítulo 3, “**De norte a sul: o 24 de agosto no Brasil**”, este terá a missão de apresentar as manifestações do povo brasileiro a partir da morte de Vargas, de norte a sul do país, tendo como base o artigo nomeado “O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto”, do professor Jorge Ferreira.

O capítulo 4, por sua vez, nomeado de “**As repercussões do suicídio de Vargas em Juiz de Fora**”, entrará fundo nas questões relacionadas aos fatos ocorridos na cidade a partir da notícia do suicídio do presidente Getúlio Vargas. Ainda, será demonstrado como agiram as

⁸ Dentre essas biografias estão as mais conhecidas: “Getúlio Vargas: o poder e o sorriso”, de Boris Fausto; “Vargas: Da vida para a história”, do historiador Paulo Brondi; “Ciclo de Vargas”, de Hélio Silva; “Getúlio Vargas: Biografia política”, de John W. Foster, dentre inúmeras outras.

⁹ NETO, Lira. **Getúlio: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 527.

¹⁰ Trecho adaptado de LOYOLA, Maria Andréa. “Capítulo 1: Juiz de Fora e a industrialização”. In: **Os sindicatos e o PTB: estudo de um caso em Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1980 (Cadernos CEBRAP, 35), p. 23.

instituições políticas de Juiz de Fora, como o Executivo, a Câmara Municipal, o Partido Trabalhista Brasileiro local e o Partido Social Democrático da cidade, frente à tal episódio, provando, assim, que a consternação verificada em todo o país não somente estava atrelada aos mais humildes, mas igualmente aos meios considerados opositoristas ao governo de Getúlio Vargas.

Por fim, no capítulo 5, “**As eleições municipais de outubro de 1954: herança política de Vargas?**”, serão apontadas, caracterizadas e interpretadas as consequências trazidas para a política de nosso município com o suicídio de Chefe do Governo Federal, a partir do resultado das eleições municipais de 03 de outubro de 1954, sobretudo no que se diz respeito à posição do PTB local frente à morte de Vargas e ao pleito.

Ao longo dos capítulos que tratam especificamente de Juiz de Fora, também serão expostas as homenagens feitas por nossa cidade em memória ao falecido Vargas, tais como: a grande multidão que reuniu-se na praça Dr. João Penido em um comício do Partido Trabalhista Brasileiro¹¹; a homenagem póstuma ao presidente Getúlio Vargas na Câmara Municipal, em 31 de agosto de 1954¹²; a solenidade de inauguração do monumento ao falecido Chefe da Nação no Largo do Riachuelo, região central de Juiz de Fora, em 1959¹³.

Esse trabalho também visa poder contribuir para que novas pesquisas nessa temática sejam realizadas, pois, hoje em dia, há poucos historiadores¹⁴ que se interessam em aprofundar-se, por exemplo, nos acontecimentos que circundam o fim do Estado Novo e a posse do presidente Eurico Gaspar Dutra, além, obviamente, do período que engloba o fim do segundo governo Vargas (1951-1954) à posse do presidente Juscelino Kubistchek. A atual historiografia brasileira vem se ressentindo da carência de pesquisas relacionadas aos períodos mais recentes da nossa história. Seja pelo receio de não atingir seus objetivos no que toca ao distanciamento em relação ao objeto, seja pela dificuldade em encontrar fontes criteriosamente organizadas, os historiadores têm privilegiado o estudo de períodos mais longínquos e deixado quase que tão-somente a cargo de sociólogos, cientistas políticos e economistas o privilégio de estudar a nossa história recente.

¹¹ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 25 de agosto de 1954. Edição de n.º 12.532. Página 06.

¹² JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 01 de setembro de 1954. Edição de n.º 12.538. Página 06.

¹³ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 27 de janeiro de 1959. Edição de n.º 13.791. Página 03.

¹⁴ Dentre esses profissionais está o professor da UFF, Jorge Ferreira, que me forneceu estímulo, ideias e pontos de referência, através do seu artigo “O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto”, ainda que, nem sempre, as suas conclusões revelassem adequadas ao meu universo de análise e estudo: a reação da população de Juiz de Fora frente ao suicídio do presidente Getúlio Vargas.

Em se tratando, especificamente, de nossa cidade e os reflexos do suicídio do presidente Vargas, esse trabalho está por ser original, uma vez que qualquer outro pesquisador, seja historiador ou jornalista do município, não investigou e discutiu ou ainda não divulgou seus estudos, vindo preencher, de forma muito pertinente, uma lacuna nos estudos da história da Zona da Mata Mineira.

Serão empregados, nesse trabalho, os seguintes jornais: Jornal Diário Mercantil, Jornal Diário da Tarde¹⁵, Jornal Gazeta Comercial¹⁶, Jornal Tribuna da Tarde¹⁷, Jornal Tribuna de Minas¹⁸, Jornal Panorama¹⁹ e a Revista “O Lince”²⁰.

¹⁵ Os jornais “Diário Mercantil”, fundado em 1912 e fechado em 1982, e “Diário da Tarde”, que circulou na cidade entre 1942 e 1983, eram periódicos pertencentes a um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, o maior conglomerado de mídia da América Latina, e que contou com mais de cem jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agências telegráficas espalhados pelo país. Sob a tutela de Chateaubriand, o jornal “Diário Mercantil” teve como chefes de redação Segadas Vianna, Paulino de Oliveira, este um dos primeiros historiadores da cidade de Juiz de Fora e colunista, e Roberto Pliske. O Diário da Tarde possuía características mais populares, sendo incorporado ao cotidiano da cidade com os assuntos variados o que mais afetavam o leitor de baixa renda. Sua circulação acontecia diariamente a partir 15h, exceto nos domingos e feriados, e às segundas, a partir das 9h, por meio de uma edição extraordinária. Informações disponíveis em: OLIVEIRA, Almir. **A imprensa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Imprensa Universitária, 1981.

¹⁶ O Jornal Gazeta Comercial, produzido pela Associação Comercial de Juiz de Fora, foi fundado em 1924 e fechado em 1976.

¹⁷ O Jornal Tribuna da Tarde, de propriedade do médico e empresário Juracy Azevedo Neves, circulou na cidade de Juiz de Fora entre 02 de agosto de 1986 e 29 de novembro de 1992, tornando-se uma alternativa para divulgar os fatos locais, uma vez que o jornal Tribuna de Minas havia de transferido para Belo Horizonte. Adaptado de BOINATI, Francisco Ângelo. “Enquadramentos de mídia e preferências políticas da imprensa: as valências na cobertura das eleições de 1988 pela Tribuna da Tarde”. In: COUTINHO, Iluska e LEAL, Paulo Roberto Figueira (orgs.). **Identidades Midiáticas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. P. 230.

¹⁸ O Jornal Tribuna de Minas foi fundado em 1981 e continua em circulação, em Juiz de Fora e região, até os dias de hoje. Pertence ao Grupo Solar de Comunicação e possui uma tiragem diária, em média, de 18 mil exemplares, sendo assim um dos periódicos mais lidos na cidade.

¹⁹ O Jornal Panorama foi um periódico de circulação no município de Juiz de Fora entre os anos de 2003 e 2008. Proclamava-se não apenas como um novo jornal na cidade, mas que tinha a pretensão de fazer frente à Tribuna de Minas, através de um produto jornalístico inovador e independente. O jornal, que passou a ser distribuído gratuitamente a partir de 05 de dezembro de 2005, era de propriedade do empresário Omar Resende Peres, então dono da extinta TV Panorama, afiliada da Rede Globo de Televisão na cidade, passando a compor, mais tarde, o grupo OP.com, juntamente com a emissora de TV, a Rádio Panorama FM, o site Ipanorama.com e a Pan Show (empresa de eventos). Adaptado de: COUTINHO, Iluska; ALVIN, Bianca; FERNANDES, Livia. “Os diversos formatos na trajetória do Jornal Panorama.” Artigo para o Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UFJF. Outubro de 2006. Disponível em: <http://www.ufjg.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Os%20diversos%20formatos%20na%20trajetoria%20do%20Jornal%20Panorama.pdf>. Acessado em 03 de julho de 2014.

²⁰ A “Revista O Lince”, foi fundada, pelo jornalista Jesus de Oliveira, em 1912, primeiramente como um pequenino jornal, sucumbindo em 1979, após mais de 67 anos de circulação ininterrupta, dedicados aos interesses de Juiz de Fora. Em 1948, o pequeno jornal passa por uma reformulação gráfica se tornando uma revista mensal que circulava entre os indivíduos mais instruídos, justamente por conter críticas aos mais diversos assuntos do momento. Com a morte de Jesus, em 1967, seu filho, Adail de Oliveira, passou a dirigir a revista até o fim das atividades, quando o então proprietário não teve mais recursos e forças para mantê-la, uma vez que a administração municipal negou ajuda. Adaptado de: NEIVA, Rubens Antonio. **Da vanguarda industrial ao acaso econômico: história dos**

Com relação as fontes, a ampla utilização do tipo primárias está no fato de não encontrar uma bibliografia que tratasse diretamente e profundamente o tema específico escolhido, excetuando-se o já citado artigo do professor Jorge Ferreira (“O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto”), de pequenas passagens da biografia do presidente Getúlio Vargas - de autoria do jornalista e biógrafo Lira Neto²¹ -, do diário do ex-chefe do governo brasileiro, organizado pela autora Leda Soares²², além do conhecido livro “Efemérides juiz-foranas”²³ - escrito pelo jornalista e historiador de Juiz de Fora, Paulino de Oliveira (1889-1992). Portanto, a análise, sobretudo das fontes primárias, ou seja, os jornais, fornecerá elementos que permitirão: 1º) estabelecer ou não uma ligação entre as agitações noticiadas nas principais cidades do país e o município de Juiz de Fora; 2º) caracterizar os dias pós-suicídio aqui.

Já as inúmeras fontes bibliográficas - colhidas a partir de pesquisas nas referências de livros que abordam o período em que o projeto enfoca -, serão utilizadas no intuito de auxiliar no entendimento acerca do panorama econômico, social e, principalmente político do país durante os anos do mandato de Vargas no poder – o governo provisório (1930-1934); o governo constitucional (1934-1937); o Estado Novo (1937-1945); e, principalmente, do seu segundo governo (1951-1954). Logo, essas fontes definem em quais situações e quais os interesses guiavam o presidente Getúlio Vargas.

Complementarmente, a fim de corroborar o que estará sendo exposto e discutido a respeito do suicídio em Juiz de Fora, analisarei e empregarei uma entrevista com o jornalista Wilson Cid²⁴, concedida a mim, em sua casa, em meados de 2013. Sua escolha está no fato de

jornais de Juiz de Fora. Juiz de Fora, UFJF, 2003. Trabalho de conclusão de curso de Jornalismo (Faculdade de Comunicação Social). Págs. 46 e 47.

LUZ, Rubem de Siqueira. “Anexo 1: Depoimento do jornalista Adail de Oliveira, diretor da extinta revista O Lince.” In: **Uma revista para Juiz de Fora.** Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, (s/d). Habilitação em Jornalismo (Comunicação Social).

²¹ NETO, Lira. **Op. Cit.**

²² SOARES, Leda (ed.). **Getúlio Vargas: diário.** Volume I: 1930-1936. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1995.

²³ OLIVEIRA, Paulino de. **Efemérides juiz-foranas** (1698-1965). Juiz de Fora: UFJF, 1975.

²⁴ “Wilson Borrajo Cid nasceu em Três Rios, estado do Rio de Janeiro, em 8 de agosto de 1940. Filho do ferroviário e comerciante Francisco Cid e de Maria Abreu Cid, descende de imigrantes espanhóis. Chegou em Juiz de Fora aos 4 anos, adotando a cidade de forma tão profunda que não se viu refazendo sua trajetória pessoal e profissional em outro lugar. Observador dos fatos políticos antes mesmo dos 17 anos, em 1957, quando iniciou carreira na antiga Rádio Difusora graças à sua voz, o jornalista Wilson Cid vivenciou os tempos de glória do rádio, registrando notáveis histórias, como a passagem do astronauta George Popov pela cidade. Fez uma estreia marcante na pioneira TV Mariano Procópio dos anos 1960, época em que produziu telejornal de cinco minutos diários de transmissão para a TV Tupi. Em cadeia nacional, registrou coberturas importantes, como a visita do presidente da República João Goulart e do senador João Calmon a Juiz de Fora. No jornalismo impresso, se tornou um dos profissionais de maior prestígio a partir de seu trabalho como editor geral do Diário Mercantil, ao que seguiram os jornais “O Globo”, “Hoje em Dia”, “Panorama”, “JF Hoje” e “Ter Notícias”, além do blog “Diário da Cidade”. Viúvo de

se tratar de um jornalista renomado em âmbito mineiro e que vivenciou aqueles dias que sucederam o suicídio de Vargas.

Enfim, tento resgatar, utilizando fontes jornalísticas da época e uma gama de livros, tão importante acontecimento na vida de muitos brasileiros e que mudou os rumos do Brasil a partir de meados da década de 1950, com destaque principal a cidade de Juiz de Fora. Não alimento a pretensão de tentar responder conclusivamente todas as questões postas, justamente porque o nosso campo de estudo está o tempo todo se alterando com novas pesquisas. Trata-se de demonstrar, dispondo das evidências que consegui reunir até agora, quais os ecos em nossa cidade a partir dos episódios verificados no cenário nacional naquele agosto de 1954.

Sônia Maria de Andrade Cid, desde 1966 é pai de Gisele, Alexandre e Gustavo.” Adaptado de: NEVES, José Alberto Pinho. **Diálogos Abertos**. Volume 3. Juiz de Fora: UFJF/MAMM, 2012. p. 115.

Capítulo 1: Getúlio Vargas e Juiz de Fora: estreitas ligações

Getúlio Vargas foi o presidente da República que mais esteve na cidade de Juiz de Fora, só perdendo para o também presidente Itamar Franco, que é natural do município. Esteve aqui em cinco oportunidades (1933, 1934, 1935, 1936 e em 1945).

“Getúlio Vargas dedicou atenção especial a Juiz de Fora, o que Oswaldo Aranha confirmaria, numa conversa com o ministro Hildebrando Bisaglia. Dizia que, em matéria de afeto, a cidade só perdia para São Borja, terra natal do presidente, a figura política mais influente do Brasil no século passado. A origem desse sentimento talvez tenha explicação no fato de que, vitoriosa a revolução de outubro de 1930, na casa de Antônio Carlos, na Rua do Espírito Santos foi lembrado para assumir a chefia do governo chamado provisório, que, na verdade, haveria de estender-se pelos 15 anos seguintes com o Estado Novo.”²⁵

A primeira visita de Vargas na cidade aconteceu em abril de 1933, já como chefe do Governo Provisório, onde hospedou-se na Fazenda da Floresta. O motivo de sua vinda foi a respeito de uma conversa que teve com Olegário Maciel, então governante de Minas Gerais, sobre a composição de forças partidárias para a Assembleia Constituinte de 1933-1934 (JORNAL PANORAMA, 2004, página 05).

Em 1934, como chefe do governo provisório do país, Getúlio Vargas - acompanhado de sua esposa, a Sra. Darci Sarmanho Vargas, das suas filhas Jandira e Alzira, de seu ajudante de ordens, capitão Ubirajara Santos Lima, e Romeu Carvalho Bastos, do gabinete de S. Ex. - se hospedou no Solar da Família Tostes, composição familiar que possuía estreitas relações com Vargas, a fim de passar seu aniversário. A respeito da data, Vargas escreveu em seu diário que o afastamento no dia do seu aniversário não era “para evitar os cumprimentos dos amigos e conhecidos, e as homenagens usuais nessas ocasiões, mas o desejo de molestar os outros com essas demonstrações mais ou menos convencionais”.²⁶

De acordo com reportagem do Jornal Diário Mercantil, nessa visita a Juiz de Fora em 1934,

“O Sr. Getúlio Vargas a todos recebeu cordialmente, pondo-se a palestrar com a reportagem dos jornais com muita simplicidade e bom humor.

S. Ex. achou admirável o solar dos Tostes, com o seu imponente aspecto senhorial, como o qualificou.

Referiu-se ao belo edifício da Escola Normal e outras ótimas impressões que colheira de passagem.

(...)

²⁵ JORNAL PANORAMA. Juiz de Fora: Organizações Panorama, edição de 24/08/2004, página 05 (“O tiro que parou o Brasil”).

²⁶ SOARES, Leda (ed.). **Getúlio Vargas: diário**. Volume I: 1930-1936. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1995. p. 288.

O Sr. Getúlio Vargas agradeceu a saudação, dizendo que veio reconfortar-se dos trabalhos da vida pública buscando a tradicional hospitalidade mineira na encantadora fazenda de São Mateus.

O Sr. Getúlio Vargas, findo o almoço, percorreu vários pontos pitorescos da fazenda, tendo feito a sua oração na capela.²⁷

Por sua vez, o Jornal Gazeta Comercial destacou que, em conversa informal na varanda da fazenda, o presidente Vargas proporia ao então presidente da Câmara dos Deputados, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, a mudança da capital do país, do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, e a transferência da capital do Estado, de Belo Horizonte para Juiz de Fora.²⁸

Já no ano seguinte, Getúlio Vargas esteve novamente em Juiz de Fora, em companhia do capitão Amaro da Silveira, Lair Tostes (filho do dr. João Tostes) e família, seu irmão Sebastião e família e d. Maria Luísa – mãe de João e Sebastião -, se instalando, por uma semana, pela segunda vez na Fazenda São Mateus. “A fazenda São Mateus se viu transformada em sede do governo, com todo o aparato, ministros entrando e saindo e correria de assessores para levar ao Rio os atos a serem publicados na Imprensa Oficial” (JORNAL PANORAMA, 2004, página 05). O Presidente estava à cidade visitando o Museu Mariano Procópio, a fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia do Exército, o quartel da Artilharia do Dorso, a caudelaria, as obras do novo abastecimento d’água e a represa em construção. Ao longo de sua estada, marcadas por missas na igreja de Santana, almoços e jantares, brindes, passeios à cavalo, visitas às plantações de café e às criações de gado e caçadas, além de um samba no terreiro, o gaúcho continuou exercendo suas funções de chefe do governo.²⁹ (Ver anexos)

Em 1936, também em função de seu aniversário, o presidente Getúlio Vargas se hospedou na Fazenda de São Mateus, sendo acolhido pelo deputado João Tostes e membros de sua família. De acordo com o Gazeta Comercial, além de passeios no Museu Mariano Procópio e pelo interior da propriedade dos Tostes, e missa na capela de São Mateus realizada pelo Bispo d. Justino José de Sant’Anna, ocorreu, na varanda da fazenda, em 21 de abril de 1936, cerimônia de assinatura de decreto nº. 756-A autorizando a repatriação dos restos mortais dos inconfidentes mortos no exílio em virtude da Conjuração Mineira para a cidade de Ouro Preto. Encontravam-se presentes o governador mineiro Benedito Valladares, o secretário da Agricultura (dr. Israel Pinheiro), o deputado João Tostes, deputado Fábio Andrada, dr. Lahyr

²⁷ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 19 de abril de 1934, edição nº. 6915, página 01 (“O Sr. Getúlio Vargas, chefe do governo provisório, veio passar o seu aniversário no solar dos Tostes”).

²⁸ JORNAL GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: Associação Comercial de Juiz de Fora, 20 de abril de 1934, edição nº. 3182, página 01 (“Em Juiz de fora o chefe do Governo Provisório”).

²⁹ Idem, 26 de julho de 1935, edição nº. 3569, páginas 01 e 05 e 31 de julho de 1935, edição nº. 3573, página 01 (“A estadia do sr. Getúlio Vargas na cidade”).

Tostes, secretário do ministro da Agricultura, coronel Sebastião Tostes, dr. Luiz Simões Lopes, comandante Amaral Peixoto, os membros da família Rezende Tostes e muitas outras pessoas de projeção social.³⁰

Em 1945, 9 (nove) anos após a última visita a Juiz de Fora, já durante a vigência do Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas retornou a nossa cidade no dia do 95º aniversário da “Manchester Mineira”. Essa, certamente, tenha sido a visita mais importante em Juiz de Fora. Transportado por um avião da FAB – comandado pelo capitão-aviador Carlos Alberto Lopes e pelo copiloto Tenente Gastão Veiga -, o presidente foi recebido, no campo de Benfica, pelas autoridades e comissões representativas juiz-foranas. Após rápida visita à Fábrica Juiz de Fora, Vargas se dirigiu ao palanque oficial montado na Avenida Barão do Rio Branco. De acordo com reportagem do Jornal Diário Mercantil,

“viam-se, em formatura, nas Ruas centrais, além das forças do Exército e da Polícia aqui aquarteladas, toda a mocidade escolar de Juiz de Fora, tantos dos estabelecimentos públicos como particulares, representações sindicais e grande massa de trabalhadores de todas as nossas indústrias.”³¹

Antecedeu o discurso oficial do presidente, que foi transmitido por uma cadeira de emissoras de rádio do Brasil, ao som das bandas militares, desfile aberto pelas crianças dos grupos escolares e estabelecimentos particulares do ensino primário, seguidos pelos jovens das escolas secundárias – a Academia de Comércio, o Ginásio Bicalho, a Escola Técnica de Comércio “Machado Sobrinho”, o Colégio Stella Matituna, o Instituto “Santos Anjos”, a Escola Técnica de Comércio “Souza Lima” e o Instituto Grambery -, terminado com a marcha dos trabalhadores – todos conduzindo bandeiras do Brasil e das Nações Unidas, além de estandartes e cartazes alusivos à visita de Getúlio Vargas. Além do presidente, discursaram o prefeito de Juiz de Fora, o dr. José Valladares, o engenheiro Hildebrando de Gois (chefe do Departamento Nacional de Obras, responsável pelos serviços de regularização do Rio Paraibuna) e, em nome dos trabalhadores locais, o sr. Phintias Guimarães (presidente do Sindicato dos Jornalistas). Após os discursos no Parque Halfeld, Vargas assistiu ao lançamento da pedra fundamental do monumento em sua homenagem, erguido pela cidade em agradecimento pelas obras de regularização do Rio Paraibuna. Em seguida, juntamente com a comitiva, visitou as instalações da Escola de Engenharia e o Museu Mariano Procópio, onde ocorreu um churrasco em sua homenagem. Posteriormente, o presidente dirigiu-se ao campo do Sport Club Juiz de Fora, onde

³⁰ JORNAL GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: Associação Comercial de Juiz de Fora, 22 de abril de 1936, edição nº. 3793, páginas 01 e 06 (“A estadia do presidente Getúlio Vargas na fazenda de S. Mateus”).

³¹ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 02 de junho de 1945, edição nº. 9778, página 01 (“As grandes homenagens do povo de Juiz de Fora ao Sr. Getúlio Vargas”).

uma multidão lotou as dependências do estádio Dr. José Procópio Teixeira à espera do grande desfile de atletas em razão da visita do chefe do governo e da partida de futebol entre o selecionado brasileiro e local, caracterizada pelo Jornal Diário Mercantil como “a maior partida de futebol realizada em Minas Gerais”.³² À noite, foi promovido pela Liga de Desportos de Juiz de Fora, em agradecimento a Vargas Netto, um banquete no Palace Hotel, pela decisiva cooperação no sucesso da bela festa desportiva. “Estiveram presentes o Sr. João Lyra, presidente do Conselho Nacional de Desportos, expressivas figuras do desporto local e do Rio, os rapazes da crônica esportiva carioca, locutores, técnicos e elevado número de pessoas gradas.” (JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 1945, página 05).

Logo, os feitos do gaúcho foram notórios para a cidade de Juiz de Fora, município que teve a primazia de lançar a sua candidatura à presidência da República em 1930. Ao longo do primeiro período de seu governo (1930-1945), importantes obras foram realizadas por aqui: a construção da fábrica de estojos e espoletas da 4ª Região Militar (então a maior da América do Sul), do Depósito de Remonta; os novos serviços de abastecimento da cidade, com a concessão em empréstimo de 5 mil contos para o novo abastecimento d’água; os novos quartéis do Exército; a construção do edifício dos Correios e Telégrafos e da Sucursal da Caixa Econômica Federal; as obras de regularização do Rio Paraibuna, que anteriormente ocasionava inúmeras enchentes, sobretudo a do Natal de 1940; a construção de várias pontes e de casas populares na Vila Eduardo de Meneses para as vítimas da enchente do Natal de 1940; o asfaltamento, até o Rio de Janeiro, da rodovia União & Indústria, a organização do “SENAI” e as obras da ligação ferroviária Lima Duarte-Bom Jardim³³. A respeito das obras de regularização do curso do Rio Paraibuna, o historiador Paulino de Oliveira, em seu livro “História de Juiz de Fora”, enfatizou:

“Outro benefício recebido pela cidade em consequência da enchente de 1940 foi a retificação do rio Paraibuna, serviço que constitui o maior auxílio prestado pela União a Juiz de Fora em todos os tempos e para consecução do qual trabalharam o prefeito Rafael Cirigliano, o dr. Cipriano Lage, então muito prestigiado pelo governador Benedito Valadares, e várias associações de classe da cidade. Sobre essa grande obra, iniciada em 1942, ainda é cedo para falar, mas, apesar de haver nela investido até agora o Governo Federal milhões de cruzeiros, não só em obras de arte de alto custo, como na retificação daquele curso d’água e na mudança de seu leito em vários pontos, principalmente e jusante da cidade, onde foi cumprida uma parte do famoso “Plano Howyan”, ela não está ainda terminada nem há informação segura sobre a data de sua conclusão. Uma cousa, porém, pode ser dita: deve-a Juiz de Fora ao dr. Getúlio Vargas, a quem a população local, em grande manifestação que lhe prestou em 1943, prometeu pagar essa dívida, erguendo-lhe um monumento na cidade, do qual chegou

³² JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 10 de junho de 1945, edição nº. 9785, página 05 (“Dia memorável para o desporto de Juiz de Fora!”).

³³ Idem, 27 de julho de 1935, edição de nº. 7.300, página 01.

a ser lançada com a presença do homenageado, a pedra fundamental no Parque Halfeld”³⁴.

Em contrapartida, Juiz de Fora sempre estimou o presidente Vargas por suas realizações em benefício da cidade. O primeiro aniversário do Estado Novo, em 10 de novembro de 1938, foi comemorado no município com várias solenidades nos quartéis, nos estabelecimentos públicos de ensino, em associações de classe, além de uma parada das forças do Exército e da Polícia aqui aquarteladas. No quartel do 2º Batalhão de Caçadores Mineiros foi inaugurado o retrato do presidente Vargas. Em todos os municípios do Estado, por solicitação do governador mineiro Benedito Valadares Ribeiro, foi prestada uma homenagem ao sr. Getúlio Vargas, homenagem que consistiu na aplicação de seu nome a uma rua ou logradouro público. Assim, em reunião realizada na Prefeitura Municipal, que contou com a presença do prefeito municipal Rafael Armando Cirigliano, jornalistas e diretores de associações de classes, foi resolvido que um dos logradouros mais importantes da cidade, a avenida Quinze de Novembro, receberia o nome do chefe do governo federal, passando assim a chamar-se avenida Getúlio Vargas³⁵.

Em 07 de setembro de 1954, dias após o falecimento do presidente, o Jornal Gazeta Comercial, produzido pela Associação Comercial de Juiz de Fora, publicou em página inteira homenagem póstuma aos feitos trabalhistas de Getúlio Vargas. Abaixo há a transcrição dos dizeres e a imagem da publicação no jornal:

**“Ao grande Presidente Getúlio Vargas cuja memória permanecerá imorredoura no coração da Pátria, homenagem dos trabalhadores juizforenses por intermédio de seus sindicatos de classe”
(página 05)**

José Rodrigues

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil)

Manoel de Almeida

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Calçado)

João Batista Miranda

(Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares)

Daniel de Oliveira Novais

(Presidente do Sindicato dos Mestres e Contramestres da Indústria de Fiação e Tecelagem)

³⁴ OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2. ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966, p. 301.

³⁵ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 09 de novembro de 1938, edição nº. 7748, página 01 (“O primeiro aniversário do Estado Novo”).

Mateus de Queiroz

(Presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos e Rodoviários)

Darcy Gonzaga Camargo

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Hidroelétrica)

Cacildo José Carneiro

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação e Massas Alimentícias)

Sebastião de Miranda Tostes

(Presidente dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos)

Agostinho Beethoven M. Beghelli

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas)

Brasilino F. de Oliveira

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Fiação e Tecelagem)

Franklin F. de Oliveira

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos, Indústrias Mecânicas e Material Elétrico)

Otílio Estevam

(Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Açúcar, Torrefação e Moagem do Café, Cerveja e Bebidas em Geral)



Imagem 1 extraída de: JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 07 de setembro de 1954, edição n°. 8.865, página 05.

Já em fins de janeiro de 1959, cinco anos após o falecimento do presidente gaúcho, realizou-se, no Largo do Riachuelo, nas proximidades da avenida Getúlio Vargas e da rua São Sebastião, a solenidade de inauguração do monumento ao Presidente Getúlio Vargas. A respeito do acontecimento, o Jornal Diário Mercantil relatou que

“o ato contou com a presença do prefeito do Município, engenheiro Ademar Rezende de Andrade; Sr. Nicolau Schuery, presidente da Câmara Municipal; deputado Clodsmidt Riani, representando a Comissão Executiva do PTB mineiro e o dr. Tancredo Neves, atual secretário das Finanças do Governo de Minas; outros vereadores, além do vice-prefeito Arlindo Leite, representantes dos comandando 2º B.I. e da 4ª Região Militar; Sr. Pedro Gomes de Oliveira, industrial e membro do PTB de Minas Gerais; Cacildo José Carneiro, agente do SAPS; Eduardo de Campos Bastos, agente do IAFB; Athos Branco da Rosa, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais; Athos Siqueira, funcionário aposentado da CME e grande número de trabalhadores.”³⁶



Imagem 2 extraída de REVISTA “O LINCE”. Juiz de Fora, MG: Gráfica Jesús de Oliveira, edição nº. 1307, janeiro de 1959, página 07.

O monumento, ainda existente nos dias de hoje, composto pela figura do presidente Getúlio Vargas de corpo inteiro, está assentado sobre uma base de granito, frontada por uma placa³⁷, como mostra a figura ao lado.

O pedestal da estátua em bronze foi decorado com flores naturais enviadas pela Casa do Trabalhador de Juiz de Fora e pelos Srs. Hélio Lessa e Álvaro Campos. Assim como a estátua em homenagem ao dr. José Procópio Teixeira, no Parque Halfeld, o monumento a Vargas foi obra do escultor Luiz Ferrer.

³⁶ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 27 de janeiro de 1959, edição nº. 13.791, página 03 (“Perpetuada no bronze a gratidão do povo de Juiz de Fora ao saudoso Presidente Vargas”).

³⁷ **Memória da Urbe: Bens Tombados.** Juiz de Fora (MG): FUNALFA Edições, 2004. p. 57.

Capítulo 2: O segundo governo Vargas: da volta nos braços do povo ao suicídio

A volta de Getúlio, em 1950, “nos braços do povo”, carregado no andor de votos depois de impressionante campanha eleitoral que reuniu multidões por todo o país, passou por um roteiro de erros e acertos.³⁸ Mal sabiam aqueles simpatizantes pelo gaúcho que, em quatro anos, após uma grave crise política interna, estariam carregando o esquife do presidente, num grande ato de comoção, pelas ruas da capital do país. Essa crise, de acordo com Alzira Alves de Abreu e Fernando Laitman-Waltman, havia se agravado com o atentado ao jornalista Carlos Lacerda, mas que vitimou o major Rubens Vaz, em 5 de agosto de 1954, na rua Toneleros, em Copacabana, Rio de Janeiro, teve um desenlace, ao menos aparentemente, se observou no dia 24 daquele mesmo mês, com o suicídio do presidente Vargas, e que mantém-se em nosso imaginário como um dos mais dramáticos e expressivos acontecimentos da vida política contemporânea do Brasil.³⁹

“O que vai triunfar a 3 de outubro é a vontade do povo, único tribunal político a cuja sentença se devem curvar a todos os cidadãos de uma democracia” e “Se for eleito a 3 de outubro, no ato da posse, o povo subirá comigo as escadas do Catete. E comigo ficará no governo.”⁴⁰ Com essas palavras, Getúlio Vargas, deposto em 1945, voltava ao cenário político 5 anos depois, pleiteando a vaga da Presidência da República pelo PTB e apoiado pelo Partido Social Progressista (PSD). Mas Carlos Lacerda, jornalista e líder da UDN, chegou afirmar: “Vargas não deve concorrer às eleições; e se concorrer não deve ganhar; e se ganhar não deve tomar posse; e se tomar posse não deve completar o mandato”⁴¹.

No pleito de 3 de outubro de 1950, Vargas foi eleito com 48,73% dos votos (3.849.040 votos), derrotando nas urnas o Brigadeiro Eduardo Gomes UDN), com 29,66% (2.342.384 votos), Cristiano Machado (PSD) com 21,5% (1.697.193 votos) e João Mangabeira (PSB), com 9466 votos. Em Juiz de Fora, por exemplo, Getúlio Vargas obteve 4.567 votos (52,88%),

³⁸ CORRÊA, Villas-Bôas. “Prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

³⁹ ABREU, Alzira Alves de; LAITMAN-WELTMAN, Fernando. “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

⁴⁰ NETO, Lira. **Getúlio**. Da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, página 182.

⁴¹ MARQUES, Adhemar. “Capítulo 2: Brasil: Da República Populista ao início do século XXI.” In: **Pelos Caminhos da História**. Ensino Médio. 1ª edição. Curitiba: Positivo, 2006. Página 686.

Eduardo Gomes, 2.851 (33% dos votos), Cristiano Machado, 515 votos (5,96%) e João Mangabeira, 9 votos (0,1%).

Para vice-presidente, Café Filho (PSP) foi eleito com 2.520.790 votos (35,76%), à frente de Odilon Braga (UDN), com 2.344.841 (33,26% dos votos) e de Altino Arantes (PSD), com 1.649.309 (23,40% dos votos). Em Juiz de Fora, Café Filho obteve 3.624 votos (41,9%), Odilon Braga, 3.218 votos (37,2%), e Altino Arantes, 591 votos (6,8%).

Em relação à composição dos ministérios, a tabela de nº. 1 contempla essas informações:

Tabela 1: Relação Ministério/Ministro/Período no segundo governo Vargas		
Ministério	Ministro	Período
Aeronáutica	Nero Moura	31/01/1951 a 18/08/1954
	Epaminondas dos Santos	18/08/1954 a 24/08/1954
Agricultura	João Cleofas	31/01/1951 a 08/06/1954
	Apolônio Sales	28/06/1954 a 31/08/1954
Educação e Saúde	Ernesto Simões Filho	31/01/1951 a 25/05/1953
	Antônio Balbino	25/06/1953 a 02/07/1954
	Edgar Santos	06/07/1954 a 02/09/1954
Fazenda	Horácio Lafer	31/01/1951 a 15/06/1953
	Oswaldo Aranha	15/06/1953 a 24/08/1954
Guerra	Newton Estillac Leal	31/01/1951 a 26/03/1952
	Ciro do Espírito Santos Cardoso	26/03/1952 a 22/02/1954
	Zenóbio da Costa	22/02/1954 a 26/08/1954
Justiça e Negócios Interiores	Francisco Negrão de Lima	31/01/1951 a 24/06/1953
	Tancredo Neves	24/06/1953 a 24/08/1954
Marinha	Renato Guillobel	31/01/1951 a 26/08/1954
Relações Exteriores	João Neves da Fontoura	31/01/1951 a 19/06/1953
	Vicente Rao	01/07/1953 a 24/08/1954
Saúde	Miguel Couto Filho	23/12/1953 a 03/06/1954
	Mário Pinotti	03/06/1954 a 05/09/1954
Trabalho, Indústria e Comércio	Danton Coelho	31/01/1951 a 05/09/1951
	José de Segadas Viana	05/09/1951 a 15/06/1953
	João Goulart	18/06/1953 a 22/02/1954
	Hugo de Araújo Faria	24/02/1954 a 24/08/1954
Viação e Obras Públicas	Álvaro Pereira de Sousa Lima	31/01/1951 a 13/06/1953
	José Américo de Almeida	19/06/1953 a 27/08/1954

Tabela adaptada de: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/ministerio>. Acessado em 09 de janeiro de 1954.

No carnaval de 1951, a volta de Getúlio Vargas ao poder foi comemorada com a seguinte marchinha composta por Haroldo Lobo e Marino Pinto e gravada por Francisco Alves:

“Bota o retrato do velho outra vez
 Bota no mesmo lugar
 O sorriso do velhinho
 Faz a gente trabalhar

Eu já botei o meu
E tu, não vai botar?
Já enfeitei o meu
E tu vais enfeitar ?
O sorriso do velhinho
Faz a gente trabalhar”⁴²

No início do seu mandato, Vargas buscou sustentar um contato cordial com os Estados Unidos como, por exemplo, através do estabelecimento da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico⁴³. Contudo, uma gama de problemas alterou as relações entre as duas nações. A principal delas ocorreu em 1951, quando a ONU solicitou ao Brasil o envio de tropas a fim de combater os comunistas na Coreia. Entretanto, o governo brasileiro negou-se a participar do conflito, levando à deterioração da relação entre Getúlio e os setores militares que estavam se empenhando no combate ao comunismo.

No campo econômico, Vargas buscou nortear o setor para uma linha intervencionista e nacionalista, preocupado, sobretudo, com o desenvolvimento da indústria de base (siderurgia, petroquímica, energia, transportes, etc.). “O Plano Nacional de Reparcelamento Econômico, o chamado Plano Lafer, agrupava as principais medidas do governo para a economia do país. Esse plano propunha o desenvolvimento de novas fontes de energia, a ampliação das indústrias de base e da rede de transportes, a mecanização da agricultura e o reparcelamento dos portos”⁴⁴.

Assim, a inflação caiu, houve superávit comercial, a indústria de base foi ampliada e o crescimento econômico atingiu os 7%. No entanto, esses avanços econômicos sofreram certa redução nos anos seguintes devido à diminuição do repasse de recursos provenientes dos Estados Unidos para investimentos no Brasil.

Em fins de 1951, um projeto de Getúlio a fim de estabelecer o monopólio estatal sobre o petróleo resultou na campanha “O petróleo é nosso”, mobilizando o povo brasileiro numa das lutas nacionalistas mais importantes do país e desencadeando na criação, em outubro de 1953, da Petrobrás, empresa de cunho estatal monopolizadora da exploração e refinação do petróleo no Brasil. Já em 1954, o presidente também propôs a criação da Eletrobrás objetivando construir

⁴² PILETTI, Nelson. “Capítulo 25: Uma democracia sempre ameaçada.” In: **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996, página 266.

⁴³ Essa comissão tinha o intuito de elaborar estudos técnicos destinados ao planejamento da política de investimentos.

⁴⁴ BRAICK, Patrícia Ramos e MOTA, Myriam Becho. “Capítulo 9: Os governos populistas no Brasil (1945-1954)” In: _____. **História das cavernas ao terceiro milênio**. Desafios do terceiro milênio. 2ª edição. 9º ano. São Paulo: Moderna, 2006. Página 176.

usinas geradoras para suprir a necessidade de energia elétrica no país. Todavia, o projeto enfrentou forte oposição e a empresa só foi instalada durante o governo João Goulart (1962).

A ampliação do campo industrial de base gerava o aumento de divisas, mas que diminuía em consequência da remessa ilegal de lucros por empresas estrangeiras ao exterior e, também, pelo declínio dos preços do café. Tendo como finalidade dar continuidade ao crescimento econômico da indústria, tornava-se necessário extinguir os privilégios do capital estrangeiro e diminuir, relativamente, os salários dos trabalhadores, inibindo, assim, que os aumentos salariais fossem maiores que a taxa de produtividade.

Ainda, seria fundamental criar canais de transferência das divisas do setor agroexportador para o setor industrial, o que se tornava muito difícil com a queda dos preços dos produtos agrícolas no mercado internacional.

Em 1953, Vargas propôs a limitação das remessas de lucros das empresas estrangeiras, em 8%, às suas matrizes no exterior, denominada de Lei de Lucros Extraordinários, mas que foi barrada no Congresso.

Objetivando diversificar a produção industrial, em 1952, foi criado o BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), com a tarefa de financiar novos projetos públicos e privados para o desenvolvimento econômico do Brasil – reaparelhamento de portos e ferrovia e ampliação do potencial elétrico. Já no ano seguinte, foi criado o Banco do Nordeste do Brasil, onde se procurou a facilitação da concessão de créditos para investimento nas áreas de transporte e energia.

Em 1953, foi decretada uma lei que previa punições para aqueles que cometessem crimes contra o Estado, o que incluía a organização de comícios, greves e manifestações sem a autorização da polícia. Entretanto, indiferentes à proibição, aproximadamente meio milhão de pessoas participaram de uma manifestação que foi denominada de *Panela Vazia*, criticando o aumento do custo de vida do país.

Os inúmeros setores das classes abastadas passaram a se desentender e se lançaram em uma ferrenha luta pelas divisas, resultando em uma crise política. Além disso, a estratégia econômica gerou uma rápida espiral inflacionária. O ritmo do custo de vida aumentou, porém, em contrapartida, os reajustes salariais não o acompanharam, levando a um descontentamento entre a classe trabalhadora. Assim, em março de 1954, aproximadamente 300 mil operários de diversas categorias de São Paulo – construção civil, metalúrgicos, carpinteiros, vidreiros e gráficos, entre outros - entraram em greve, exigindo uma baixa do custo de vida e aumento

salarial. Após mais de um mês de greve, os operários aceitaram um reajuste de 32%, a garantia de que os líderes não seriam punidos e que os dias de greve seriam pagos.

Ainda em 1953, cerca de 100 mil portuários paralisaram suas atividades nos portos do Rio de Janeiro, Santos e Belém do Pará.

Nesse momento, os oposicionistas, liderados por Carlos Lacerda, criaram o Clube da Lanterna, com a finalidade de pôr fim ao governo de Getúlio Vargas.

Para contornar a situação, Vargas reformulou o seu ministério: Tancredo Neves foi nomeado para o Ministério da Justiça e João Goulart para o Ministério do Trabalho. A indicação de Jango, bem visto junto às lideranças sindicais, para a pasta demonstrava que o governo possuía o interesse em melhorar sua imagem com as classes trabalhadoras.

O crescimento dos movimentos de massa passou a gerar preocupação na classe dominante, inclusive nos setores ligados ao governo, uma vez que temiam uma radicalização que ocasionasse a perda de controle do próprio Getúlio Vargas. Contudo, o presidente não abria mão de manter a linha econômica nacionalista amparada na mobilização popular.

Logo, no início de 1954, o ministro do Trabalho, João Goulart, concedeu um aumento de 100% no salário mínimo, o que resultou numa pressão oposicionista violenta⁴⁵, obrigando Goulart a renunciar e o governo a suspender o acréscimo.

Os grupos oposicionistas a Vargas se manifestavam por meio da imprensa, acusando-o de estar planejando pacto antiamericano que instalaria no país um governo semelhante ao instituído por Perón na Argentina. “O jornalista Carlos Lacerda liderava a ala mais antigetulista da oposição (UDN) e apontava como corruptas pessoas ligadas ao governo, denunciando até mesmo financiamentos ilegais feitos pelo próprio Banco do Brasil.”⁴⁶ Já o presidente afirmava que os setores ligados ao capital estrangeiro eram os desencadeadores das dificuldades brasileiras.

Entretanto, no dia 1º de maio de 1954, Vargas concedeu o aumento do salário mínimo prometido por Goulart, convocando os trabalhadores a mobilizarem-se e a participarem da política nacional. A classe empresarial e parte da imprensa se uniu à oposição pedindo o *impeachment* do presidente.

A imprensa foi um importante campo no processo de agravamento das questões políticas do país: de um lado, o jornal Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda, O Globo e os Diários

⁴⁵ A alta oficialidade publicou um manifesto intitulado “Memorial dos Coronéis”, criticando duramente o governo e exigindo a demissão do ministro do Trabalho.

⁴⁶ COSTA, Luís César Amad e MELLO, Leonel Itaussu A. “Capítulo 23: Da segunda presidência Vargas ao governo Goulart.” In: **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1999, página 339.

Associados, de Assis Chateaubriand (proprietário dos jornais Diário Mercantil e Diário da Tarde que circulavam em Juiz de Fora à época), procurando difundir imagens que desqualificavam o governo e indignassem e mobilizassem a população contra ele; de outro, o Última Hora, fundado pelo jornalista Samuel Wainer, porta-voz do governo Vargas, procurando transmitir uma imagem positiva do presidente.

Dessa forma, segundo Ferreira,

“Caudilho, corrupto, ambicioso, desonesto, violento, imoral e assassino, os adversários não apenas manejavam aqueles bens simbólicos mais caros à legitimidade do poder, criando uma representação extremamente negativa do presidente, como ainda formulavam outras, também assustadoras, que ameaçavam o quadro político e, sobretudo, moral da nação.”⁴⁷

Em 5 de agosto de 1954, embora nunca tivesse sido provada a participação de Getúlio, pessoas diretamente ligadas a eles tentaram assassinar o jornalista Carlos Lacerda em frente à sua residência, na Rua Toneleros, nº. 180, bairro de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro. Nesse episódio, denominado de “atentado da Rua Toneleros”, foi morto o major da aeronáutica Rubens Florentino Vaz. Sem mesmo esperar o fim das investigações, Carlos Lacerda declarou: “Mas perante Deus, acuso um só homem como responsável por esse crime. É o protetor dos ladrões. Esse homem é Getúlio Vargas”⁴⁸. O brigadeiro Nero Moura, ministro da Aeronáutica, por meio de inquérito, apurou, com a prisão do pistoleiro Euribes de Almeida, que o responsável pelo ocorrido foi Gregório Fortunato, o “Anjo Negro”, principal guarda-costas do presidente Vargas. Os resultados da investigação provocaram a indignação geral e surgiram numerosas manifestações exigindo a renúncia de Getúlio. Café Filho, o vice-presidente do país, aliou-se à oposição e, discursando no Congresso, propôs sua renúncia e a de Vargas.

Hebert Levy afirmou na Câmara dos Deputados que

“O sr. Getúlio Vargas passou a representar para os brasileiros o símbolo do que pode de haver de pior na matéria de caudilhismo; o corruptor por excelência, o ambicioso do poder, a qualquer preço, o acolitador dos desonestos, dos violentos, dos deformados moralmente”.⁴⁹

⁴⁷ FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: **O imaginário trabalhista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, página 169.

⁴⁸ Idem, página 171.

⁴⁹ Idem, p. 169.

O país entrou em ebulição. O exército exigiu a renúncia do chefe do governo. Getúlio declarou que tinha a impressão de estar sobre um mar de lama. A Tribuna da Imprensa, jornal de Carlos Lacerda, passou a atacar o presidente mais violentamente.

“Em primeiro lugar é preciso alijar Getúlio Vargas. Erradicá-lo, extirpá-lo da vida pública nacional, como se faz, pela cirurgia, com as infecções e com os crancos. Ele pesteia, deteriora, tudo em que toca. Ele é o fim. Ele é um viciado do crime político. Só como criminoso sabe agir. Realista, materialista como os animais e como os primários. Caem as forças morais, decai o espírito público, deturpa-se o patriotismo, transmudam-se os valores. E tudo vai poluindo pelo exemplo. A imoralidade já recebe, no seio das famílias, epinícios e elogios, pelo seu exemplo. A honestidade pessoal muda o seu conceito, já não sendo roubo a apropriação dos dinheiros públicos pelo seu exemplo. O seu exemplo é o pior dos exemplos que já teve o Brasil. Contemporizando com os ladrões públicos, deixando-os impunes à sua sombra, ele investe, pelo exemplo, contra a moral brasileira, do homem brasileiro que sempre preferiu passar fome a tocar no dinheiro alheio. O exemplo de Getúlio é contra este tradicional padrão de honestidade. Getúlio é o fim, como uma grande peste. Getúlio é o fim. Mas o Brasil não quer parar, não quer chegar ao fim. É preciso, portanto, erradicar Getúlio.”⁵⁰

Ao estabelecer o imaginário da crise, a oposição apontava que a solução seria uma intervenção militar no país.

No dia 22 de agosto de 1954, oficiais da aeronáutica exigiram o afastamento do presidente; em seguida, o exército e algumas outras camadas da sociedade assinaram manifesto semelhante. Na manhã do dia 24 de agosto, o jornal O Dia estampava em primeira página: “PUS e LAMA escorrem sobre a Nação estarecida”. E um novo ultimato foi redigido, dessa vez com a assinatura do Ministro da Guerra, Zenóbio da Costa, e entregue a Vargas isolado em seu quarto no Palácio do Catete. Getúlio Vargas redigiu uma carta-testamento e suicidou-se, aos 72 anos, com um tiro de Colt 38 no peito, às 8h30 da manhã. Cumprira suas palavras: “Só sairei morto do Catete!”. O presidente afirmava na carta o seguinte: “Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história”⁵¹. Em vida, segundo Carlos Cony, Vargas não via o suicídio como um ato reservado aos covardes, mas sim aos grandes homens⁵².

⁵⁰ LACERDA, Carlos. **Tribuna da Imprensa**, 8 de agosto de 1954.

⁵¹ Carta-testamento de Getúlio Vargas (24 de agosto de 1954). FGV/CPDOC. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br. Acessado em 09 de janeiro de 2015.

⁵² CONY, Carlos Heitor. **Quem matou Vargas**. 1954: uma tragédia brasileira. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

Uma onda de comoção e apoio a Vargas tomou conta do país. Uma multidão apedrejou a embaixada norte-americana e queimou caminhões que distribuíam jornais de oposição.

Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes há uma hipótese que perdura por muitas décadas e que,

“não só os analistas profissionais - historiadores, jornalistas - da política nacional, como também grande parte da população que tem acesso a informações sabem e repetem que o suicídio adiou por 10 anos o golpe. Se Vargas não tivesse dado um tiro no coração, a conspiração civil-militar que se armava dificilmente seria evitada.”⁵³

Capítulo 3: De norte a sul: o 24 de agosto no Brasil

A morte de Getúlio Vargas causou uma comoção social e política no país, de norte a sul. O povo passou a responsabilizar a UDN e os Estados Unidos pelo suicídio do presidente. Vários jornais da oposição e a embaixada norte-americana foram atacados por populares. Nos principais centros urbanos, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre, a multidão repeliu as forças opositoras. Carlos Lacerda, caçado por populares nas ruas do Rio de Janeiro, teve de ficar sob a proteção da Aeronáutica até rumar para a Europa, em exílio voluntário.⁵⁴

De acordo com Ferreira, “tanto as manifestações de lamento, quanto as de violência indicam que a intensa campanha de desmerecimento de Vargas na crise de agosto teve repercussão bastante limitada entre a população.” (FERREIRA, 2005, página 176). E as ruas foram locais privilegiados escolhidos pelos populares a fim de exprimirem sua dor.

No Rio de Janeiro, o sentimento de injustiça causou violentos motins populares, embora tenha havido pesada repressão policial. Líderes sindicais, que tramavam uma greve geral em sinal de protesto, foram presos ainda de madrugada pelos agentes policiais da Divisão de Polícia Política e Social. Dentre os presos estavam presidente, tesoureiros e militantes das classes dos hoteleiros, portuários, metalúrgicos, marceneiros, tecelões, dos carris urbanos e das indústrias do açúcar e do trigo.

Em sinal de luto, as comemorações do Dia do Soldado foram suspensas. Estações de rádio substituíram a programação normal por música clássica e noticiários. Mas a TV Tupi, por exemplo, dedicou sua programação aos programas jornalísticos.

⁵³ GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 8.

⁵⁴ BRAICK, Patrícia Ramos e MOTA, Myriam Becho. “Capítulo 9: Os governos populistas no Brasil (1945-1954)”. In: _____. **História das cavernas ao terceiro milênio**. Desafios do terceiro milênio. 2ª edição. 9º ano. São Paulo: Moderna, 2006. Página 178.

Na capital do país, a população revoltada e amargurada, passou a percorrer as ruas centrais da cidade portando pedras e paus à procura de todo e qualquer material de propaganda política da oposição, sobretudo dos candidatos da UDN. Inúmeras faixas e cartazes foram queimados.

“Assim como as elites conservadoras tudo fizeram para aniquilar politicamente Vargas por meio de ideias-imagens e pela manipulação de símbolos necessários à legitimidade do poder, agora a população, revidando, destroçava a simbologia política dos adversários do presidente.” (FERREIRA, 2005, página 178)

Na Avenida Almirante Barroso, o prédio do jornal O Globo foi cercado por uma multidão que objetivava invadi-lo, mesmo com a presença do policiamento. A fachada do jornal foi apedrejada e dois caminhões de distribuição do jornal foram incendiados, além de milhares de exemplares do periódico. A multidão, então, seguiu para a Cinelândia, onde entraram, à força, na sede do Movimento Nacional Popular (oposicionista), jogando pela janela móveis e material de escritório. Naquela localidade, foi improvisado um comício com oradores atacando ferozmente Carlos Lacerda, vaiada sempre que seu nome era dito.

Centenas de pessoas também se dirigiram para a sede da Tribuna da Imprensa, mas novamente a invasão foi impedida, dessa vez pela Polícia Especial. Após acordo, a bandeira nacional, hasteada no segundo andar, foi posta à meio-pau como sinal de luto. Ainda assim, a edição do jornal, na rua em frente, foi queimada.

A Rádio Globo, localizada na Avenida Rio Branco, também foi cercada numa tentativa de invasão pelos populares, porém igualmente impedida pela Polícia Especial. A emissora foi acusada de continuar transmitindo música popular, desconhecendo a morte de Getúlio.

“O ataque àqueles que não manifestavam sobriedade pela morte de Vargas tem um duplo sentido: se na cultura popular o desrespeito aos mortos é falta grave, havia o complicador de que o descaso com o falecimento do presidente era também uma desconsideração ao sentimento das pessoas.” (FERREIRA, 2005, página 179)

Aos poucos, as forças policiais começaram a perder o controle da situação. Ainda que todo o contingente policial (militar, civil e especial) e do Exército estivesse nas ruas, tonava-se cada vez mais difícil reprimir e dispensar a população. Para coibir novas manifestações, o Exército cercou jornais e rádios e interditou a Avenida Rio Branco e a Rua do Lavradio, protegendo, assim, a Rádio Globo e a Tribuna da Imprensa. Contudo, postos eleitorais, sedes partidárias da oposição e os jornais *A Notícia* e *O Mundo* foram apedrejados. Logo, a fim de reprimir a multidão, os policiais passaram a empregar o uso de bombas de efeito moral, gases lacrimogênicos e armas de fogo, ferindo várias pessoas.

O único jornal a circular naquele 24 de agosto foi o *Última Hora*, com cerca de 800 mil tiragens. Os demais, devido às manifestações, bloquearam a saída dos caminhões que distribuía os jornais.

Rumando em direção ao Palácio do Catete, a multidão apedrejou a sede da Embaixada dos Estados Unidos.

Portanto, esses trabalhadores, consternados com a morte de Vargas, a fim de

“confirmar sua existência política e seus sentimentos, para serem ouvidos e criar uma imagem negativa do rival, eles se revoltaram e partiram para a destruição simbólica da oposição. Ao se mostrarem profundamente irados, os trabalhadores intensificaram conflitos sociais latentes na sociedade brasileira daquela época e assustaram as elites conservadoras que não esperavam a reação popular”. (FERREIRA, 2005, página 181)

Se nas ruas centrais do Rio de Janeiro o clima era de revolta, nas imediações do Catete o clima era outro. Assim que houve a confirmação da morte do presidente, milhares de pessoas dirigiram-se ao Palácio a fim de ver, pela última vez, o corpo de Vargas.

A partir das 14 horas os populares começaram a se organizar em filas que se estenderam até o Largo do Machado. Inúmeras coroas de flores chegavam ao local. Cerca de 1 milhão de pessoas tentaram ver o corpo do presidente. Contudo, estima-se que, apenas entre 67 mil e 100 mil, de fato, o conseguiram.

Às 17h30, o esquife chegou ao Catete. Várias pessoas tiveram crises nervosas e choros compulsivos, outras desmaiaram à espera da sua vez. Cerca de 2800 pessoas foram socorridas pelo serviço médico do Palácio. A visitação entrou pela madrugada e somente foi encerrada às 8 horas da manhã do dia 25 de agosto. Já às 8h30 da manhã, o corpo de Vargas saiu do Catete e, em cortejo, foi transportado por uma carreta até o Aeroporto Santos Dumont, onde seguiria para São Borja (RS), cidade natal do falecido. Uma multidão acompanhou o veículo até o aeroporto e “um mar de lenços brancos balançando sinalizava um misto de despedida e de homenagem” (FERREIRA, 2005, página 183). Ao longo do percurso, pessoas chorava, gritavam e desmaiavam e ouviam-se exclamações como “Perdemos o nosso pai! Que vai ser de nós agora!” “Adeus Getúlio Vargas!” (FERREIRA, 2005, página 183).

José Carlos Rodrigues, em “Tabu do Corpo”, afirma que “o suicida altruísta, o mártir que morreu por ideais mais elevados – como na defesa da pátria ou por valores comuns -, deixa na coletividade um sentimento de orgulho e sua memória passa a ser reverenciada pelo

sacrifício.”⁵⁵ Foi justamente o que se via nos rostos e nos gestos do povo brasileiro consternado pelo passamento de tão importante figura pública.

Assim que o avião desapareceu no horizonte, a população se deu conta de que estava em frente ao quartel da Aeronáutica. Ai começaram os insultos contra as Forças Armadas. Vozes de protesto e ataques verbais contra os soldados e oficiais armadas se sucediam. Esses soldados e oficiais logo partiram para cima da multidão, munida de pedras, por meio de armas de grosso calibre, bombas de gás lacrimogênio e granadas. No confronto, houve correria e muitas pessoas se feriram.

A multidão que fugiu dos ataques da Aeronáutica se juntou a outros milhares de pessoas que se encontravam no centro da cidade e, em grupos enormes, percorreram as ruas centrais aclamando Getúlio Vargas e insultando Carlos Lacerda e outros opositores. Novamente houve confronto, dessa vez entre a Polícia Civil e os manifestantes. A fim de cessar os conflitos, a Polícia Especial foi acionada e, bem vista pela população que a nomeava de “a polícia de Getúlio”, conseguiu acalmar os ânimos e, pouco a pouco, a população foi se esvaindo da Cinelândia rumo às suas casas. Terminava assim os motins populares no Rio de Janeiro por conta do suicídio de Vargas.

Em Porto Alegre, após a confirmação da morte de Vargas, a população chocada se enfureceu. Milhares de pessoas dirigiram-se ao centro político da cidade, na rua dos Andradas, especificamente ao Comitê Central Pró-Candidatura Leonel Brizola. Grupos saíram empunhando à frente grades retratos de Getúlio Vargas e a bandeira do Brasil com uma tarja negra.

A multidão invadiu a sede da UDN e a destruiu, só poupando um enorme retrato a óleo de Flores da Cunha, considerado pela população um velho companheiro de Vargas na Revolução de 1930. O mesmo aconteceu com o jornal *O Estado do Rio Grande*, do Partido Libertador. Outros manifestantes invadiram a redação e as oficinas do *Diário de Notícias*, órgão dos Diários Associados, incendiando bobinas de papel, milhares de exemplares de jornal e todas as suas instalações, o mesmo ocorrendo com as Rádios Farroupilha e Difusora. Além dessas, a sede e as instalações do Partido Libertador, do Partido Social Democrático, da Frente Democrática, da Frente Popular, do Partido Socialista, do Partido Social Progressista e do Partido de Representação tiveram o mesmo destino: invadidos, devastados e incendiados.

De acordo com a reprodução de duras críticas do jornal Meridional, do Rio Grande do Sul, na edição do dia 25 de agosto de 1954 do Jornal Diário Mercantil,

⁵⁵ RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979, página 49.

“O governador do Rio Grande do Sul, general Ernesto Dorneles nenhuma providência tomou para evitar as depredações, e cruzou mesmo os braços quando, os manifestantes passaram a atear fogo aos jornais e estações de rádio.”⁵⁶

Segundo Ferreira,

“É interessante observar como a ira das pessoas manifestou-se em relação à imprensa, às rádios e aos partidos políticos de oposição ao PTB e ao trabalhismo no Rio Grande do Sul. O ato de agredir o outro implica o uso de um veículo, verbal ou material, envolto necessariamente por um simbolismo que informa a própria natureza da violência. A população gaúcha, ao atacar os adversários, não utilizou ovos ou frutos podres, querendo com isso humilhar ou diminuir. Valer-se de pedras, com o objetivo de ferir ou machucar, foi recurso eventual. Ao atacar especificamente a oposição, os revoltosos utilizaram o fogo com o intuito de, ao mesmo tempo, destruir ou purificar.” (FERREIRA, 2005, página 191 e 192)

Destruídos também foram o consulado dos Estados Unidos na capital gaúcha e clínicas médicas e dentárias, além do comércio próximo a embaixada. O National City Bank igualmente foi destruído – todas as suas fichas cadastrais e documentos bancários foram jogados na rua e queimados. A Importadora Americana S.A., a Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias, as fábricas de cerveja Brahma, de cigarros Souza Cruz, a loja da Mesble, a Casa Sloper, a Companhia Telefônica e a casa noturna American Boite. Os inimigos externos citados pelo presidente na carta-testamento – o imperialismo e suas representações oficiais e comerciais - estavam sendo aniquilados. Além disso, certos bares, como o Bar e Restaurante Vitória, localizado na Praça Osvaldo Cruz, que se atreveram a permanecer abertos, foram invadidos, saqueados e incendiados pela população.

Somente ao entardecer, quando as manifestações ameaçavam toda a cidade, é que o governador, o general Ernesto Dornelles, primo de Getúlio Vargas, pediu auxílio ao Exército. Contudo, a repressão em nada se assemelhou ao ocorrido no Rio de Janeiro. As tropas usaram cartuchos de festim e não empregaram o uso da violência para dispersar os populares. Assim, houve poucos confrontos.

“Em poucas horas o motim se esgotava, com o saldo de dois mortos, dezenas de feridos e uma cidade reduzida a escombros.” (FERREIRA, 2005, página 195)

Entretanto, o comércio continuou fechado por mais alguns dias. Controversamente, as fontes dos periódicos gaúchos relataram outro saldo:

⁵⁶ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 25 de agosto de 1954, edição nº. 12.532, página 01.

“O balanço das ocorrências revela que, além dos enormes prejuízos materiais, 6 pessoas morreram, havendo 64 feridos, dos quais 11 em estado grave.”⁵⁷

Ferreira aponta acima que as coisas haviam se acalmado. No entanto, a partir dos locais, os dias subsequentes continuaram tensos. Segundo o Meridional,

“A situação ainda é muito delicada e insegura, observando-se intenso nervosismo por parte da população. O comércio que já reiniciara suas atividades, voltou a fechar as portas, reunindo-se a Associação Comercial para solicitar ao presidente da República medidas enérgicas em relação ao Rio Grande. Segundo informações ainda não confirmadas, mas colhidas juntos aos círculos políticos e econômicos, os partidos que tiveram suas sedes depredadas e saqueadas, pediram mesmo a intervenção federal em face da suposta cumplicidade do governo do Estado, que teria deixado a população à mercê da fúria trabalhista, retardando a intervenção da força federal.

Os próceres mais destacados dos partidos da oposição, inclusive o Sr. Hildo Meneghetti, prefeito desta capital, permaneceram refugiados no interior do Estado, em local mantido sob rigoroso sigilo, devido às permanentes ameaças que vem recebendo. A situação dos elementos não pertencentes às fileiras do PTB é de verdadeiro terror.”⁵⁸

O próprio PTB gaúcho, em nota oficial, solicitou o apaziguamento das manifestações violentas por parte dos seus militantes:

“A direção do Partido Trabalhista apela para que as demonstrações de pesar não traduzam atos de desespero e de violência. A hora trágica que estamos vivendo é de luto e de tristeza, não de revolta e de vingança.

O exemplo ao presidente Vargas é o de um mártir. Saibamos todos nós respeitar seu apelo supremo à participação e concórdia da família brasileira e venerar a grandeza de seu gesto de dignidade pessoal e de nobreza humana.”⁵⁹

Dias depois, precisamente no início de setembro de 1954, Solano Borges, presidente da Assembleia Legislativa, a partir do requerimento assinado por 22 deputados, instala uma comissão parlamentar de inquérito, composta por cinco membros, a fim de averiguar os motivos da ausência de medidas efetivas no tocante aos saques em várias propriedades na capital do Rio Grande do Sul, em 24 de agosto. Foram nomeados para a CPI os deputados Teobaldo Neumamm (PTB), Hélio Carlos Magno (PSD), Fonseca Araújo (PL), Nestor Pereira (PRP) e Leonel Mantovani (UDN).

⁵⁷ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 27 de agosto de 1954, edição nº. 12534, página 06.

⁵⁸ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 27 de agosto de 1954, edição nº. 12534, páginas 01 e 06.

⁵⁹ JORNAL GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: Associação Comercial de Juiz de Fora, 27 de agosto de 1954, edição nº. 8856, página 01.

Na capital do Paraná, Curitiba, não foram registrados tumultos, reinando tranquilidade na cidade, ainda que a repercussão dos acontecimentos tenha sido grande. “O comércio, a indústria e outras atividades funcionam normalmente.” (JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 1954, página 01) O governador do Paraná, Munhoz da Rocha, decretou luto oficial por oito dias pela morte do presidente Vargas.

Em Florianópolis e em todo o restante do Estado, por sua vez, as repercussões do suicídio de Vargas foram pacíficas.

Em São Paulo, a notícia da morte de Vargas chegou aos ouvidos dos trabalhadores já dentro das fábricas e oficinas. Dessa forma, somente na hora do almoço, com algum tempo livre, é que os operários de várias empresas decretaram greve, indo em direção aos sindicatos. Às 13 horas, uma grande passeata de sindicatos metalúrgicos e têxteis, e dos diretórios distritais do PTB, começou. Alguns, mais exaltados, quebraram vidraças de restaurantes, de cinemas e de lojas da Avenida São João, mas foram convencidos pelos líderes sindicais e petebistas a evitarem depredações, pois essas ações só interessavam aos inimigos do falecido presidente. Quando os populares chegaram próximo ao Palácio Nove de Julho, a rádio patrulha da polícia procurou intervir, sendo o veículo e os próprios policiais apedrejados. Nem mesmo com a chegada de mais carros patrulhas amedrontaram os manifestantes, que também receberam pedradas. Dessa forma, os policiais empregaram armas, bombas e gás lacrimogêneo na tentativa de dispersar a multidão. Porém, várias pessoas ficaram feridas, inclusive menores. Diversas ruas foram interditadas.⁶⁰

As manifestações se encerraram na sede do PTB, com a realização de um grande comício, onde inúmeras faixas e cartazes traziam os seguintes dizeres: “Getúlio Vargas não morreu: vive nos corações do povo”; “Os trabalhadores saúdam aquele que foi o maior brasileiro vivo”; “Os trabalhadores pesarosos pela morte de seu chefe”.

Em vários outros pontos da cidade de São Paulo ocorreram manifestações, como na Praça da Sé, onde PTB e PCB promoveram uma manifestação conjunta. No Largo de São Francisco, contudo, a cavalaria da polícia dispersou os populares.

Nas cidades vizinhas à capital também foram registrados protestos, como na cidade de São Caetano do Sul, onde muitos operários abandonaram o local de trabalho, se juntando àqueles que sequer haviam chegado a iniciar o expediente. Passando por outras empresas, esses trabalhadores solicitavam aos colegas a declararem greves e acompanhá-los. As empresas que

⁶⁰ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 25 de agosto de 1954, edição nº. 3392, página 01.

não aderiram, como por exemplo o Aço Villares, os Elevadores Atlas e a General Motors, foram apedrejadas pelos trabalhadores.

Já em Santos, de acordo com o Jornal Diário da Tarde, a partir da circulação da notícia do suicídio de Vargas, “os trabalhadores da cidade paralisaram seus serviços em sinal de pesar. Os bondes também deixaram de circular.”⁶¹

A capital do Estado de Minas Gerais, às oito horas da manhã do dia 24 de agosto de 1954, viveu a agitação nervosa e agressiva dos belo-horizontinos à espera de definições e propostas perante o recente suicídio do presidente Getúlio Vargas. Os membros da oposição, principalmente da União Democrática Nacional, estavam apavorados e estarecidos com a possível e evidente reação do povo que, até aquele dia legitimava o governo de Getúlio e que estavam sedentos por vingança em função de seu abrupto falecimento.

Os populares, a princípio, arrancaram dos postos e marquises faixas e cartazes dos candidatos da oposição, principalmente da UDN, a fim de queimá-los em seguida. Operários de inúmeras fábricas e da construção civil e se concentraram no centro de Belo Horizonte. Parte dos manifestantes se dirigiu para o Instituto Brasil-Estados Unidos, cuja sede foi destruída. Outro grupo invadiu e destruiu o consulado norte-americano na capital mineira. O comércio, em sinal de luto, fechou as portas e os bondes deixaram de circular. Os mais revoltosos tentaram invadir o jornal *Correio da Manhã*, órgão da UDN, mas foram impedidos pela polícia. Foram presos dois militantes do PCB: Roberto Costa e Dimas Werrin sob a alegação que insuflavam os manifestantes contra a embaixada.

Prontamente, a polícia se espelhou pela cidade e se marcou presente em todos os prédios públicos. Policiais se dirigiram, por exemplo, para a “redação do “Jornal do Povo”, semanário comunista, onde foi apreendido material de redação e presos Celio Amorim e Augusto Gilbert, respectivamente, redator e gerente do órgão vermelho.”⁶²

O governador de Minas Gerais, Juscelino Kubistchek - que viria a ser o próximo chefe da nação brasileira - após alguns discursos inflamados no Palácio da Liberdade, conseguiu contornar a crise local, onde populares exaltados se concentravam, mantendo a sua autoridade de chefe do Executivo mineiro.⁶³ Assim, foi decretado luto oficial de 8 dias em todo o território do Estado de Minas Gerais, com o fechamento das repartições públicas.

⁶¹ Idem.

⁶² JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 25 de agosto de 1954, edição n.º 12532, página 01 (“Agitação de comunistas ontem em Belo Horizonte”).

⁶³ Adaptado de MARANHÃO, Ricardo. **O governo Juscelino Kubistchek**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 4ª edição. Coleção Tudo é História n.º 14. Páginas 9 e 10.

À noite, com a diminuição dos distúrbios, Belo Horizonte registrou sua vítima fatal: um vendedor ambulante Moacir Assis, de 17 anos, foi alvejado por um projétil na Avenida Santos Dumont e, mesmo socorrido, chegou a falecer horas depois.

No Nordeste, a notícia da morte de Vargas causou grande impacto emocional. No Recife, as pessoas andavam nas ruas incrédulas, chorando aos prantos. As rádios passaram a tocar músicas fúnebres e os jornais eram disputados nos pontos de venda. O comício do Clube da Lanterna, da oposição, foi cancelado. Um homem de 54 anos, José Florentino Silva, não suportou a notícia e faleceu. Mas somente foi registrada uma tentativa de invasão a sede de algum órgão oposicionista: o *Diário de Pernambuco*, dos Diários Associados. A polícia militar, nas ruas desde as primeiras horas do dia, evitou o ataque. Além disso, os policiais cercaram todos os prédios públicos a fim de evitar destruições. O comércio funcionou normalmente e as repartições públicas foram fechadas.

Na capital baiana, ocorreu inúmeros comícios logo pela manhã.

“O governador Regis Pacheco, tão logo teve conhecimento da morte do Sr. Getúlio Vargas, decretou considerando ponto facultativo em todas as repartições e luto oficial por oito dias. A Câmara de Vereadores e a Assembleia Legislativa não realizaram sessões, em sinal de pesar.”⁶⁴

Na Praça da Sé os manifestantes incendiaram o palanque da oposição que, uma semana antes, pedira a renúncia de Vargas. À tarde, foram marcados vários encontros em frente à Prefeitura. Mas segundo o *Correio da Manhã*, o ato mais emocionante que a cidade assistiu foi a passeata do silêncio: cerca de dez mil pessoas “se concentraram na Praça da Sé e, com velas acesas e rezando pelo presidente, percorreram as ruas principais até a sede do PTB (...), apesar de várias pessoas rasgarem as faixas e cartazes dos candidatos antigetulistas.” (FERREIRA, 2005, página 199)

Em Natal, a morte do presidente gerou consternação geral. Assim, as pessoas se concentraram em inúmeras partes da cidade a fim de saber mais informações. O comércio fechou as portas e as escolas suspenderam as aulas. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica ficaram em alerta.

Em Fortaleza, o comércio, as indústrias, os colégios e as repartições públicas ficaram fechadas e, nas ruas, a polícia se mostrou presente. “Apenas grupos dispersos de populares improvisaram comícios, exaltando a personalidade do Sr. Getúlio Vargas.” (JORNAL DIÁRIO

⁶⁴ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 25 de agosto de 1954, edição nº. 3392, página 01.

DA TARDE, 1954, página 1) No dia seguinte, pela manhã, portuários e estivadores organizaram uma passeata no centro da cidade.

Em Teresina, o pesar da população foi grande e o Exército ficou vigilante.

Em Aracaju, com as primeiras notícias da morte de Vargas, a população reuniu-se em diversos comícios. O Exército e a Polícia tomaram as vias ainda na madrugada. O governador decretou luto oficial e o comércio e a indústria decidiram cerrar as portas, em sinal de luto. Já os militantes do PTB, em passeata, tentaram atacar a casa do presidente da UDN local, Leandro Maciel, mas sem sucesso. Então, dirigiram-se para a Rádio Liberdade, da oposição, causando profundos estragos.

No norte do país, viu-se os mesmos sentimentos de lamentação. Em Manaus, a população aglomerou-se nas ruas em frente aos jornais, a fim de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos no Rio de Janeiro. Em Belém, “os jornais “associados” circularam extraordinariamente. As Forças Armadas estão de prontidão. A Polícia determinou o fechamento dos bares e botequins às dezenove horas.” (DIÁRIO DA TARDE, 1954, página 1).

No exterior, vários países prestaram condolências à morte de Vargas. Muitos deles estabeleceram luto, pondo a bandeira à meio-pau e disparos de canhão durante o dia. Dentre eles estão: nas Américas (Estados Unidos, Uruguai, Cuba, Chile, Guatemala, Venezuela, Colômbia, Argentina, Honduras e Peru) e na Europa (Portugal, Itália, França, Suíça e Inglaterra).

Ferreira trata do suicídio como uma interrupção momentânea do golpe que estava em curso.

“Se o suicídio paralisou os golpistas, a reação popular os fez recuar. Surpresos e atemorizados, perderam a autoridade política moral e, sobretudo, a legitimidade para justificar como necessária a intervenção militar.” (FERREIRA, 2005, página 202)

Espantados com a reação popular os jornais, como a Tribuna da Imprensa e O Dia, prontamente, passaram dos ataques às homenagens.

Assim, os líderes da UDN, jornais, rádios, o alto escalão da polícia e dos militares solicitavam o fim das manifestações de protesto. Clamavam por ordem.

“Os pedidos de ordem, contudo, não foram ouvidos naqueles dias. Ao desencadear violentos ataques a Getúlio Vargas, as oposições feriram crenças políticas, padrões de sociabilidades, costumes e códigos comportamentais enraizados na tradição popular. Ao provocar sua morte, no entanto, as elites conservadoras ultrapassaram, em muito, determinados limites, ofendendo e desconsiderando

supostos morais e políticos de grande significado na cultura popular, fazendo, assim, eclodir a ação direta.” (FERREIRA, 2005, página 204)

Portanto, os militares e a UDN precisaram de mais uma década para, finalmente, absorver as profundas consequências provocadas pelo suicídio de Getúlio Vargas e alcançar o poder através das armas.

Capítulo 4: As repercussões do suicídio de Vargas em Juiz de Fora

A edição de 24 de agosto de 1954 do Jornal Diário Mercantil, começou a circular naquela manhã em Juiz de Fora com a seguinte manchete de capa: “*Caiu Getúlio com um tiro no coração - Suicidou-se o chefe do governo exatamente às oito horas e 45*”. E seguiu:

“Notícias sem confirmação dizem que o Sr. Getúlio Vargas suicidou-se com um tiro no coração.

Tremendo alvoroço no Catete

Rio, 24 (Meridional – Urgente) – O Sr. Getúlio Vargas acaba de suicidar-se em seus aposentos particulares no Palácio do Catete.

As primeiras informações chegadas à redação do “Diário da Noite” dizem que reina tremendo alvoroço no Palácio.

Causa mortis: tiro no coração

Rio, 24 (Meridional – Urgente) – Uma ambulância do Pronto Socorro esteve no Palácio do Catete. O médico Rodolfo Perissé Moreira, da ambulância, acaba de sair dos aposentos do Sr. Getúlio Vargas, atestando que ele suicidou-se com um tiro no coração.

Consternação

Rio, 24 (Meridional) – O Sr. Getúlio Vargas recolheu-se aos seus aposentos logo após a reunião ministerial. Exatamente às oito e quarenta e cinco vinha a dolorosa notícia: “Getúlio suicidou-se com um tiro no coração”.

Há consternação geral depois de tanta alegria com sua saída do governo.”⁶⁵

Segundo o jornalista Wilson Cid, morador da cidade à época do acontecimento,

“No dia 24 de agosto de 1954 estava no Machado Sobrinho, na Rua Constantino Paleta, assistindo a aula de francês com o professor Francisco Medeiros (?). Preparávamos para uma prova de Matemática com o professor León de Oliveira (?), quando o diretor do colégio, o professor Francisco Paiva Matos, interrompeu a aula para dizer que os trabalhos estavam suspensos, em função da morte do Presidente da República, Getúlio Vargas. As aulas foram suspensas e (?) a gente, eu com 14 anos de idade, não tinha sensibilidade política para entender realmente o que estava acontecendo. Na verdade, quando as aulas foram suspensas naquela manhã, corriam informações que o presidente havia morrido. Ainda não se tinha conhecimento, pelo menos entre nós, daquela tragédia do suicídio. Mas quando nós chegamos ali no Parque Halfeld já havia uma grande movimentação, porque primeiro foi a surpresa, o espanto, a perplexidade, e, depois, então vieram as preocupações com a repercussão da morte do presidente, porque essa era uma coisa muito complicada, né ?!

Ali ficamos no Parque Halfeld. Vimos aquela movimentação, aquela correria, porque é preciso entender (que) a cidade ficou muito comovida em função disso.

(...)

⁶⁵ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 24 de agosto de 1954, edição nº. 12531, página 01.

O Partido Trabalhista Brasileiro era muito forte em Juiz de Fora. Foi um dos primeiros diretórios do Brasil a ser criado. Mas é que o Getúlio tinha uma expressão aqui; ele era muito prestigiado; ele prestigiava a cidade e era muito prestigiado. Em função disso, a morte dele, não apenas a morte, mas a circunstância como tudo ocorreu, causou uma grande comoção naquela manhã.

(...)

Pouco depois da notícia da morte dele, já havia um movimento no Parque Halfeld para depor também o prefeito, que era o Olavo Costa. Mas foi uma tentativa que logo foi superada. E como a situação se agravava muito, as forças armadas e a polícia aqui entraram em estado de prontidão.

Era uma manhã muito clara, muito bonita, mas a cidade já viveu aquela manhã de muita tensão, sobretudo ali no centro da cidade.”

Assim, o mesmo Diário Mercantil divulgou, na edição da manhã seguinte que, antes da circulação do suicídio, por conta da publicação de que o presidente Getúlio Vargas iria se afastar do governo, passando o cargo de chefe do governo para o vice-presidente Café Filho, na Rua Halfeld, como afirmou anteriormente Cid, próximo a construção do edifício do Club Juiz de Fora, um comício foi improvisado e os oradores pediam atitude semelhante ao do presidente em relação ao prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa (PSD), dentro dos trâmites legais.. Justificavam que Olavo era “um voraz dilapidador dos cofres públicos”⁶⁶. A população gritava: “*Getúlio que era grande caiu, por que Olavo não cairá?*” e “*Queremos Café e Leite*” (Café Filho, vice-presidente da República, e Arlindo Leite, vice-prefeito de Juiz de Fora). E o Diário da Tarde, acrescentou que

“A notícia do afastamento do Sr. Getúlio Vargas da chefia do governo, conhecida desde as primeiras horas da manhã de ontem, foi recebida na cidade com as maiores demonstrações de alegria, pois julgavam todos que o clima de inquietação que o Brasil vem vivendo há vários dias teriam fim com tal atitude. A população veio para as Ruas, soltando foguetes e dando mostra de várias maneiras da sua satisfação.”⁶⁷

Porém, quando foi noticiado o suicídio de Vargas o comício foi encerrado e a população que se aglomerava por ali seguiu para as proximidades da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, tendo o choque da Polícia Militar isolado o prédio como medida preventiva, havendo um ligeiro desentendimento entre populares e o comandante da guarnição, sendo sanado com a chegada do coronel Francisco de Assis Miranda que, energicamente, sustentou as ordens dadas, sem

⁶⁶ De acordo com o jornal Diário da Tarde, em 01 de fevereiro de 1955 (edição n.º. 3520, página 04), em decorrência da posse do novo prefeito de Juiz de Fora, Ademar Rezende de Andrade, a cidade encontrava-se num precipício, com uma delicada situação financeira, sem dinheiro nos cofres públicos, nem crédito. Além disso, havia excesso de pessoal nos cargos administrativos da Prefeitura.

⁶⁷ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 25 de agosto de 1954, edição n.º. 3392, página 04.

ofensa (ver imagem 3). Além disso, as bandeiras desceram a meio pau e o comércio cerrou as portas.

O prefeito municipal permaneceu na Prefeitura até às 15:15 horas, quando desceu as escadas do paço municipal, sendo recebido com grande salva de palmas pela multidão que ali se aglomerava, a qual o conduziu nos braços em seguida até a sua residência, na Rua Rei Alberto (DIÁRIO DA TARDE, 1954, página 04).

E na edição do dia 25 de agosto, o mesmo jornal vespertino acrescentou novas informações em relação à tentativa de deposição do prefeito Olavo Costa, do Partido Social Democrático:

“dali a pouco, um grupo, cada vez mais numeroso, começou a se formar em frente ao edifício da Prefeitura, o que levou o prefeito Olavo Costa a pedir ao comando do 2º Batalhão de Polícia Militar uma patrulha bem armada que se postou imediatamente em frente àquele edifício. Centenas de alunos descidos do Colégio Cristo Redentor vieram aumentar de muito a multidão que ali se comprimia, assistindo no desenrolar dos acontecimentos.

Com a divulgação do suicídio do Sr. Getúlio Vargas, no entanto, o entusiasmo arrefeceu. Dizia-se que o gesto extremo de presidente da República “estragou a festa”.

O repórter Geraldo Basdon conseguiu às 10:45 horas entrevistar rapidamente o prefeito Olavo Costa, que ao microfone da Rádio Sociedade se dirigiu ao povo. Estava emocionadíssimo e informou que “não tinha palavras para interpretar o que lhe ia n’alma com o desfecho do movimento da manhã de hoje na capital da República”.

Advertiu “aos que estão tramando sua deposição” que “foi eleito num pleito livre e que vem governando com dignidade e acerto”, razão porque “só sairá do posto, que ocupa por mandato popular, para o cemitério, tal como ocorreu com o Sr. Getúlio Vargas.”⁶⁸

Por sua vez, a Revista “O Lince”, em sua edição mensal de agosto/setembro de 1954, tratou logo de ironizar as ações do prefeito Olavo Costa em relação à tentativa de sua deposição na “*Coluna fatos e notas em resumo*”. Com o título “*Só sairei para o cemitério*”, o periódico opinou:

“O prefeito da cidade é bem ridículo: pouco depois do suicídio do Sr. Getúlio Vargas, grandes números de populares ameaçaram-no de depô-lo, o que obrigou a ficar escondido na Prefeitura, das 8, até as 15 horas, e, lá de seu gabinete, pela Rádio disse: “Só sairei daqui para o cemitério, como o presidente Getúlio... com um tiro!”

Terminou sendo carregado para a residência nos ombros de uns “comprados” que não se pejaram em servir tão lamentável espetáculo...”⁶⁹

⁶⁸ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 24 de agosto de 1954, edição nº. 3391, página 04.

⁶⁹ REVISTA O LINCE. Juiz de Fora, MG: Gráfica Jesús de Oliveira, agosto/setembro de 1954, nºs 1254/55, página 21.



Imagem 3 extraída de: JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 25 de agosto de 1954, nº. 12.532, página 06. Legenda no jornal: “**MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA** – Como todas as cidades do Brasil, Juiz de Fora foi ontem abalada pela trágica notícia do suicídio do Sr. Getúlio Vargas que, havia pouco, deixará a presidência da República. As circunstâncias que precederam a morte do ex-chefe do Executivo levaram as autoridades locais a tomar todas as providências para a manutenção da ordem. Assim, o comandante do 2^o B.I., tenente-coronel Francisco de Assis Miranda, temendo exaltação de ânimos, já que pela manhã se registraram alguns incidentes, se bem que de pouca monta, ordenou que soldados guarnecessem os edifícios das repartições públicas. Muito embora o comércio cerrasse as portas, a indústria e as repartições públicas não funcionassem, o que mais aumentou a movimentação das principais ruas da cidade, a ordem não foi alterada, dado o espírito ordeiro de nosso povo. Na composição fotográfica veem-se vários flagrantes deste jornal: ao alto, uma guarnição da Polícia Militar em frente à Prefeitura Municipal; ao centro, dois aspectos do policiamento; e, em baixo, o prefeito Olavo Costa, o delegado de Polícia, Fábio Bandeira de Figueiredo, e o tenente-coronel Francisco de Assis Miranda.”

Apesar do aparente estado de tranquilidade na cidade, em comunicado publicado em primeira página no Jornal Diário da Tarde, no mesmo dia do suicídio de Vargas, em vista dos tumultos registrados em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, o comandante da 4ª Região Militar de Juiz de Fora pediu ao povo juiz-forano que

“em face dos acontecimentos do momento que vem de culminar com o trágico e doloroso desaparecimento do Chefe da Nação, o Comandante da 4ª Região Militar, consciente das responsabilidades que se competem como mantenedor do princípio da autoridade constituída e assegurador, em última instância, da ordem pública, apela para o povo desta cidade no sentido de examinar cm serenidade e compreensão a situação cooperando com as demais autoridades federais, estaduais e municipais na conservação da tranquilidade e ordem pública.

Juiz de Fora, 24 de agosto de 1954 – ZENO ESTILLAC LEAL – Gen. Div. Cmt. da 4ª R.M.” (DIÁRIO DA TARDE, 1954, página 01)

Durante todo o dia 24 de agosto de 1954, as ruas centrais de Juiz de Fora, sobretudo a Rua Halfeld, foram tomadas pela massa juiz-forana consternada. Cid lembra que as pessoas saíam de suas casas

“para a rua um pouco desorientadas (“O que aconteceu?”). É preciso saber que na época você não tinha televisão, né?! (...) As pessoas estavam na rua, procurando saber o que que era, o que que tinha havido. A Rua Halfeld cheia de gente, porque na época descia carro. (...) as pessoas tomavam a rua para conversar, para ver o que achavam. De vez em quando aparecia um que subia num caixote para fazer um discurso. Isso foi um clima de perplexidade. E as forças armadas, a polícia toda na rua para evitar ataques, evitar desordens.”

Na sede do PR e do PTB vários oradores fizeram uso da palavra.

“Na sede do primeiro, cessou completamente o movimento logo que se soube da morte do Sr. Getúlio Vargas. No segundo, porém, ocorreu o contrário: justamente quando foi anunciada a morte do presidente é que tiveram início pequenas falas de membros do partido, lastimando o triste acontecimento. Assim aconteceu até alta noite, quando vários oradores ocuparam o microfone do PTB, sendo ao mesmo tempo convidando o povo para assinar uma mensagem, ali, endereçadas à família Vargas, bem como a participar do comício de propaganda dos candidatos petebistas, (...), na Praça João Penido.

Também na Praça João Penido, onde funcionam vários sindicatos, foi grande a aglomeração de populares, tendo falado de uma sacada numerosos oradores, todos lamentando o falecimento do Sr. Getúlio Vargas.”⁷⁰

À noite, a população juiz-forana reuniu-se na praça Dr. João Penido, em frente ao prédio em que funcionavam vários sindicatos trabalhistas, em homenagem à memória do falecido presidente Vargas. “O comício durou várias horas, sucedendo-se ao microfone diversos líderes

⁷⁰ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 24 de agosto de 1954, edição nº. 3391, página 04.

trabalhistas.” (JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 1954, página 6) Diferentemente dos distúrbios noticiados em inúmeras partes do país, “as manifestações transcorreram num clima de grande respeito e ordem, não se registrando qualquer anormalidade ou perturbação.” (Idem, 1954, página 6).

O município, por meio do decreto nº. 196, de 24 de agosto de 1954, determinou luto oficial de 8 (oito) dias na cidade. Sendo assim, as repartições municipais ficaram fechadas e as solenidades programadas para o Dia do Soldado foram suspensas.

Já o Partido Trabalhista Brasileiro, um dia após o suicídio, publicou nota de consternação na página 4 do Jornal Gazeta Comercial frente ao passamento do presidente.

“O Partido Trabalhista Brasileiro, seção de Juiz de Fora, através de seu Diretório, vem, profundamente consternado, manifestar seu pesar pelo infausto passamento do Presidente Getúlio Vargas, ocorrido hoje, dia 24, às 8:45 horas, na Capital da República.

Associando-se às manifestações de pesar, partidas de todos os pontos do território nacional, o diretório local do Partido Trabalhista Brasileiro guardará luto oficial e pede a todos os simpatizantes e admiradores do grande brasileiro desaparecido o uso, em suas vestes, de sinal de luto.” (JORNAL GAZETA COMERCIAL, 1954, página 04)

O candidato do PTN à cadeira do Executivo local, Sérgio Mendes, por sua vez, “embora não tenha explorado o alarde da morte do ex-presidente em benefício de ordem eleitoral, mandou confeccionar e colocou em destaque no seu “bureau” o retrato do falecido presidente da República.” (DIÁRIO MERCANTIL, 1954, página 01).

A Câmara Municipal de Juiz de Fora, por sua vez, no dia 31 de agosto de 1954, a pedido do vereador Nicolau Schuery, dedicou a sessão à memória do presidente Getúlio Vargas. Segundo as palavras do político,

“sua folha de serviços prestados ao Brasil é das mais longas e ninguém de consciência pode negar sua grande obra. Os próprios adversários políticos do presidente Vargas fizeram, no dia trágico de seu desaparecimento, o elogio do cidadão e do administrador, demonstrando assim o valor em que era tido por todos.

Nesta tribuna não fala o político; nesta tribuna não se encontra um homem de partido, aqui está, nobres colegas, um brasileiro que sentiu verdadeiramente a morte do presidente de seu país, cidadão de excepcionais qualidades e que poderia ainda ofertar à Pátria muito de seu esforço e experiência.”⁷¹

Certamente, o ato que marcou as manifestações da população juiz-forana frente ao suicídio do presidente Getúlio Vargas foi o movimento do “rasga-rasga” dos títulos eleitorais.

⁷¹ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 01 de setembro de 1954, edição nº. 12.538, página 06 (“Homenagem póstuma da Câmara ao Sr. Getúlio Vargas”).

De acordo com as palavras do Jornal Gazeta Comercial em 25 de agosto de 1954, em tom de advertência, estampada em primeira página,

“chocados com os acontecimentos, alguns eleitores por demais ligados por admiração ao Sr. Getúlio Vargas, começaram a rasgar seus títulos logo que souberam da morte do presidente da República.

Todavia, é ato impensado que ninguém deve repetir. Os títulos eleitorais constituem uma carta de cidadania que permite ao cidadão intervir nos destinos da Pátria. Não deve ser posta fora, pois se Getúlio morreu, a Pátria precisa de seus cidadãos.”⁷²

O ato de rasgar o próprio título de eleitor mostra o quão Getúlio Vargas foi importante na vida daqueles trabalhadores, ou seja, os juiz-foranos, homens e mulheres da década de 1950 que, certamente, do mesmo modo que em outras cidades, ficaram consternados, chocados com o desaparecimento de sua referência política: o senhor presidente Getúlio Dorneles Vargas; aquele responsável por uma ampla reforma trabalhista, criando leis que agradaram os trabalhadores, e forjando, por meio de práticas populistas e paternalistas, uma imagem positiva perante a maioria da população (FERREIRA, 2005). Entretanto, o fato em si teve implicações diretas nas eleições municipais de Juiz de Fora em 03 de outubro de 1954 como veremos a diante.

Assim que foi divulgada a carta-testamento deixada por Vargas, os jornais da cidade se movimentaram para reproduzi-la em suas páginas, levando os juiz-foranos a uma procura incessante pelos periódicos como forma de recordação para as próximas gerações. (JORNAL GAZETA COMERCIAL, 1954, página 02)

Dessa forma, nos dias que sucederam o suicídio na cidade, Cid lembra que

“foram, sobretudo em função ao que ia acontecer com o governo do Café Filho. As desordens que aconteceram no Rio de Janeiro, por exemplo, a invasão da Tribuna da Imprensa, que era o jornal do Carlos Lacerda (...).

As forças armadas de prontidão e os pronunciamentos na Câmara. A Câmara, o Congresso Nacional na época tinha grandes oradores, tanto de um lado como de outro. Então, os discursos eram acompanhados de tensão, exatamente com o que ia ser os desdobramentos daquela crise, né?!

(...)

Mas a cidade tinha muita expressão, por parte do Partido Trabalhista Brasileiro e também da UDN. Tinha um grupo de udenistas liderados, sobretudo, pelo José Bonifácio, aquele povo, que tinha uma atuação muito grande. E depois era o seguinte: na realidade da época, todas as nomeações eram feitas por indicação política (delegados, professores, o reitor), era tudo indicação política. Isso acirrava muito a discussão dos partidos.”

⁷² JORNAL GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: Associação Comercial de Juiz de Fora, 25 de agosto de 1954, edição n°. 8854, página 01 (“Não rasguem seus títulos”).

Capítulo 5: As eleições municipais de outubro de 1954: herança política de Vargas?

Para a cadeira do Executivo local três chapas estavam na disputa: a do candidato Silvio de Andrade Abreu, deputado estadual, pela coligação PTB, PSB e PSD, os dois partidos que eram conduzidos, na esfera nacional, pelos parentes do presidente Getúlio Vargas; a coligação intitulada “Aliança Popular” (PR, UDN, PRP e PDC), representada pelo Sr. Adhemar Rezende de Andrade, prefeito da vizinha cidade de Matias Barbosa, considerado um dos melhores prefeitos do Estado de Minas Gerais; e a chapa PTN-PSP, com a liderança do empresário Sérgio Vieira Mendes, apontado como amigo íntimo do presidente Getúlio Vargas, sendo considerado pelos seus correligionários como o indivíduo capaz de reivindicar para si os votos dos getulistas.

Com o título “*Acredita-se que o PTB se beneficiará no próximo pleito*”, o Jornal Diário Mercantil discorreu acerca da herança política que Vargas deixava ao PTB após seu suicídio e sobre as possibilidades do partido no pleito que aconteceria em 03 de outubro de 1954:

“Com os últimos acontecimentos desenrolados no país, sem dúvida alguma o PTB foi o partido que maior proveito tirou da situação, muito embora os trabalhadores mostrem-se desconfiados de certos líderes que os incitam à desordem.

Os candidatos petebistas, provavelmente deverão levar vantagem sobre os dos outros partidos, pois no petebismo local existem alguns trabalhistas, que muito procuram fazer em benefício da classe.

O PTB deverá nas eleições de outubro vindouro, o mês que vem, aliás, conseguir eleger um maior número de vereadores do que no último pleito, e, felizmente, a sua chapa deste ano é um pouco superior à daquela ocasião...”⁷³

O Partido Trabalhista Brasileiro de Juiz de Fora (PTB-JF) explorou ao máximo a imagem do recém-falecido presidente Getúlio Vargas. Dias após o fato, o partido, concorrente à cadeira do Executivo local, convocou os trabalhadores para uma concentração na Praça da Estação para uma homenagem póstuma em homenagem ao falecido. A respeito do exposto, o Jornal Diário Mercantil, em edição do dia 29 de agosto de 1954, relatou que

“à hora aprazada um regular número de pessoas compareceu ao local determinado, aproveitando-se então certos políticos da cidade, em sua maioria candidatos a postos eletivos, para explorar o sentimento de pesar do povo com o objetivo de beneficiamento nas próximas eleições. O pesar pela morte do presidente Getúlio Vargas atingiu à maioria dos brasileiros, até mesmo aqueles que eram contrários à sua política.”⁷⁴

Contudo, o periódico também criticou os petebistas locais:

⁷³ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 01 de setembro de 1954, edição nº. 12538, página 06.

⁷⁴ Idem, 29 de agosto de 1954, edição nº. 12.536, página 01 (“A concentração dos petebistas na Praça da Estação”).

“Discordarmos da exploração que estão fazendo à memória do morto, com intuítos visíveis. Cuidado, que a arma que estão empunhando tem dois gumes. Os trabalhadores já estão cansados de promessas. Sigam a política ditada pelo estadista morto, mas respeitem, pelo menos, sua memória.”⁷⁵

Após o 24 de agosto de 1954, a ebulição política tomou conta da cidade. Em nota oficial publicada no Jornal Diário Mercantil, o Partido Trabalhista Brasileiro criticou a postura do então prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa, que tentava se aproveitar da imagem do presidente Vargas, uma vez que concorria a deputado federal: *“Nota oficial” do PTB. Getulistas, Olavo Costa não pertence ao PTB, nem disputará a eleição pelo PTB. Trabalhista, vote nos candidatos do PTB. Pensem no sangue de Getúlio*” (JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 1954, página 01). Acerca de tal situação, o Jornal Gazeta Comercial, por sua vez, em sua edição de 03 de setembro de 1954, republicou uma carta escrita pelo *“O Radical”*, sob o título *“O prefeito de Juiz de Fora era inimigo de Getúlio Vargas – Depois de atacar o grande líder trabalhista, procura explorar o sentimento do povo – Visa apenas fins eleitorais – Olavo Costa é um voraz dilapidador dos cofres públicos”*. Em tom áspero, a carta não poupou críticas ao prefeito:

“Muitos dos que, ontem, movidos por interesses subalternos, abandonaram ou foram expulsos as hostes petebistas, pretendem, agora, com a trágica morte do presidente Getúlio Vargas, tirar proveito da atual situação, explorando o sentimento do povo. Neste caso, enquadra-se o Sr. Olavo Costa, que se elegeu prefeito desta cidade e que, visando fins puramente eleitorais, pois é candidato a deputado federal, procura iludir o povo de Juiz de Fora como tendo sido grande amigo do saudoso presidente da República e defensor do seu programa social-trabalhista.

Não podemos, assim deixar de alertar, os que não conhecem detidamente o Sr. Olavo Costa, que poucos meses após ter assumido o posto de prefeito, viu-se sem o apoio do partido que concorrera, de modo decisivo, para a sua vitória nas urnas. Os motivos se prenderam no fato de esse irresponsável cidadão, além de não atender, mesmo em mínima parcela, aos ditames de uma prática trabalhista, transforma-se em voraz dilapidador dos cofres públicos.

Posteriormente, pretendia ele, em audiência com o presidente Getúlio Vargas, um empréstimo de 30 milhões de cruzeiros. Não o conseguindo, porém, uma vez o chefe do governo fora colocado a par dos seus desmandos e do destino ilícito que vinha dando ao erário da municipalidade, o trêfego prefeito começou a orientar uma campanha de descrédito contra a administração do Sr. Getúlio Vargas, a qual só sofreu solução de continuidade depois do tráfico desfeito da manhã do dia 24 próximo passado. Presentemente, o Sr. Olavo Costa, revelando um cinismo revoltante, quer passar por grande amigo do Presidente Getúlio Vargas, pretendendo, destarte, tirar benefício que venham garantir a sua eleição no próximo pleito de 3 de outubro.

Portanto, nesta hora de dor profunda, o povo de Juiz de Fora e circunvizinhanças que atende bem o significado dessa indecorosa manobra eleitoralista, fazendo com que o imoral explorador obtenha, no momento oportuno, a resposta veemente. Só assim, repellido pelo voto popular, terá ele o castigo merecido”⁷⁶.

⁷⁵ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 29 de agosto de 1954, edição nº. 12.536, página 01 (“A concentração dos petebistas na Praça da Estação”).

⁷⁶ JORNAL GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: Associação Comercial de Juiz de Fora, 03 de setembro de 1954, edição nº. 8862, página 04.

Já a coligação PTN-PSP, de Sergio Mendes, trouxe a cantora popular Emilinha Borba para “animar” o seu último comício, em 29 de setembro de 1954, antes das eleições de 03 de outubro.

“Resultado: o prestígio da consagrada artista popular arrastou o povo (...).

Haviam falando alguns candidatos e o sr. Jarbas de Lery Santos usava o microfone quando Emilinha chegou à praça da Estação. Resultado: correrias, empurrões, vaias ao orador, gritos histéricos de “Emilinha, Emilinha”, de tal modo que o ex-deputado teve o seu discurso interrompido por vários minutos, enquanto a empurração no palanque deixou nervosos os próprios locutores. O comício, a partir de então, foi mesmo em comício de Emilinha Borba. Ninguém ouviu mais nada. O sr. Jarbas de Lery Santos só continuou depois que Emilinha pediu calma para ouvirem o sr. Sergio Mendes, prometendo cantar depois do discurso do candidato a prefeito.

A gritaria das fãs, contudo, era incrível, e o mal-estar dos candidatos, inclusive do sr. Sergio Mendes, transparecia até nos sorrisos forçados, abalado que ficou o prestígio de todos pelo cartaz de uma cantora de rádio. (...)”⁷⁷

A “Aliança Popular” (PR, UDN, PRP e PDC), encerrou a campanha eleitoral com um grande comício no largo do Riachuelo e no cruzamento das Ruas Halfeld e Santo Antônio.

“O candidato da Aliança Popular teve ocasião de dizer que estava satisfeito com a receptividade alcançada pelo seu nome em todas as camadas sociais da cidade e, principalmente, pela elevação com que foi conduzida a campanha, quando elogiou seus concorrentes, Srs. Silvio de Abreu e Sergio Mendes, pela elegância com que se portaram.”⁷⁸

O PTB, por sua vez, fechou o ciclo eleitoral na Praça João Penido, onde discursou o Sr. Silvio de Abreu, o que atraiu elevado número de pessoas, contando com uma banda de música.

De acordo com o noticiado pelo Jornal Diário Mercantil, em 04 de outubro de 1954, no pleito local verificou-se cerca de 40% de abstenções. O veículo de comunicação apontou que “a causa da enorme abstenção verificada no pleito (...) se prende aos últimos acontecimentos políticos nacionais, que culminaram com o fim trágico do presidente Getúlio Vargas, deixando sem rumo definido um contingente ponderável de adeptos.” E “inqueridas pela reportagem várias pessoas de diversas classes sociais, (...) os candidatos da Aliança Popular é que tirarão partido da abstenção, já que seus eleitores, talvez mais esclarecidos não deixaram de cumprir seu dever cívico.” (JORNAL DIÁRIO MERCANTIL, 1954, página 01).

Dessa forma, duas semanas após o pleito, a 4ª Junta Apuradora concluiu os trabalhos de contagem de votos. Logo, foi eleito prefeito de Juiz de Fora Adhemar Rezende de Andrade da coligação “Aliança Popular” (PR, UDN, PRP e PDC), que alcançou 16.397 votos (47%). Já a

⁷⁷ JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 30 de setembro de 1954, edição n.º 12562, página 06 (“A cantora Emilinha Borba no comício do sr. Sergio Mendes”).

⁷⁸ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 01 de outubro de 1954, edição n.º 3420, página 01 (“Os três comícios de ontem”).

coligação PTB-PSD-PSB, de Silvio de Andrade Abreu, totalizou 14.473 votos (41%). Em terceiro lugar, o Sr. Sérgio Mendes, da chapa PTN-PSP, com 2.778 (8%). Para vice-prefeito, o Sr. Arlindo Leite, do PTB, sagrou-se vencedor com 20.445, enquanto que o Sr. Luiz Brant, do PSD, alcançou somente 8.892 sufrágios.

Candidatos	Partido/Coligação	Número de votos
Ademar Rezende de Andrade	PR, UDN, PRP e PDC (Aliança Popular)	16.397
Sílvio de Andrade Abreu	PSD-PTB-PSB	14.473
Sérgio Vieira Mendes	PTN-PSP	2.778
Votos brancos		892
Votos nulos		520
Total		35.060

Informações contidas em: GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: 17 de outubro de 1954.
O LINCE. Juiz de Fora: outubro de 1954.

Candidatos	Partido/Coligação	Número de votos
Arlindo Leite	PR	20.445
Luiz Brant Horta	PSD	8.168
Votos brancos		5.927
Votos nulos		520
Total		35.060

Informações contidas em: GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: 29 de agosto e 17 de outubro de 1954.
O LINCE. Juiz de Fora: outubro de 1954.

Candidatos	Partidos	Número de votos	Situação
Albertino Gonçalves Vieira	UDN	441	eleito
Augusto Gotardello	PR	496	
Estevão Banhato	PR	527	eleito
Gabriel Gonçalves da Silva	PTB	583	eleito
Galeno Bellei	PSD	641	eleito
Godofredo Basílico Botelho	PTB	990	eleito
Guilherme de Souza	UDN	526	eleito
Helion de Oliveira	PDC	485	
Inácio Halfeld	PTN	592	eleito
João Luiz Alves Valadão	PR	891	eleito
Joaquim Simeão de Faria	PSD	633	eleito
José Geraldo Capute	PSD	613	eleito
José Pereira Júnior	PTB	557	eleito
Nicoláu Schuery	PR	567	eleito
Orlando Antonio Fellet	PTB	650	eleito
Sebastião Marsicano Ribeiro	?	556	
Simeão de Faria	PSD	623	
Vitório Daldegan	PTB	515	
Waldir Pedro Mazzocoli	PSD	501	eleito
Wilson Couri Jabour	PSP	308	eleito
Wilson de Lima Bastos	PDC	721	

Informações contidas em: GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: 17 de outubro de 1953.
O LINCE. Juiz de Fora: outubro de 1954.

Tabela 5: Resultado das eleições para Senador em Juiz de Fora (1954)	
Candidatos	Número de votos
Lucio Bittencourt	14.993
Abgar Renault	10.853
Franzen de Lima	11.082
Benedito Valadares	8.593
Total	45.521

Informações contidas em: GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: 17 de outubro de 1954.

Tabela 6: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Legendas para vereadores			
Partidos	Número de votos	Vereadores eleitos	Suplentes
Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)	7.082	4	16
Partido Social Democrático (PSD)	6.203	4	16
Partido Republicano (PR)	5.778	3	16
União Democrática Nacional (UDN)	3.196	2	15
Partido Social Progressista (PSP)	2.753	1	19
Partido Trabalhista Nacional (PTN)	2.283	1	16
Partido Democrata Cristão (PDC)	2.130	-	-
Partido Socialista Brasileiro (PSB)	2.115	-	-
Partido Republicano Progressista (PRP)	1.086	-	-
Partido Social Trabalhista (PST)	103	-	-
Total	32.729	15	98

Informações contidas em: GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: 17 de outubro de 1954.

Tabela 7: Resultado das eleições para Deputado Estadual em Juiz de Fora (1954)	
Candidatos	Número de votos
Clodsmidt Riani	9.396
Wandenkolk Moreira	2.630
J. Vicente Guedes	2.412
Arlindo Zanini	2.211
Cônego Antonio Pacheco Ribeiro	1.453
Oceano Soares	1.511
Fabio Nery	1.491
Dario José de Carvalho	561
Itamar Rates Barroso	1.529
Total	23.194

Informações contidas em: GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: 17 de outubro de 1954.

DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora: 17 de outubro de 1953.

Tabela 8: Resultado das eleições para Deputado Federal em Juiz de Fora (1954)	
Candidatos	Número de votos
Olavo Costa	7.721
Dilermando Cruz	5.916
Hildebrando Bisaglia	3.662
Abel Rafael Pinto	2.623
Jarbas de Lery Santos	1.994
José Bonifácio	1.905
Total	23.821

Informações contidas em: GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: 17 de outubro de 1954.

Gráfico 1: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Executivo (prefeito)

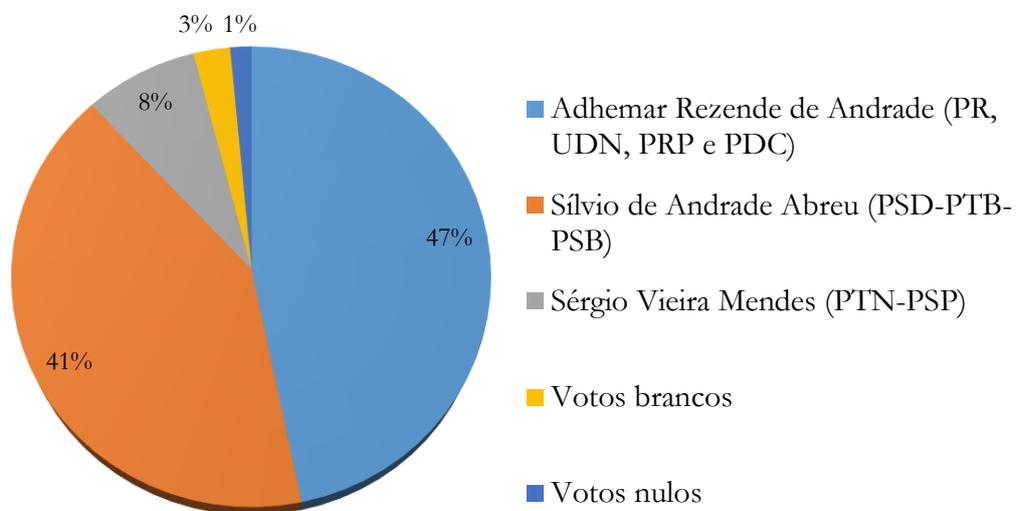


Gráfico 2: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Executivo (vice-prefeito)

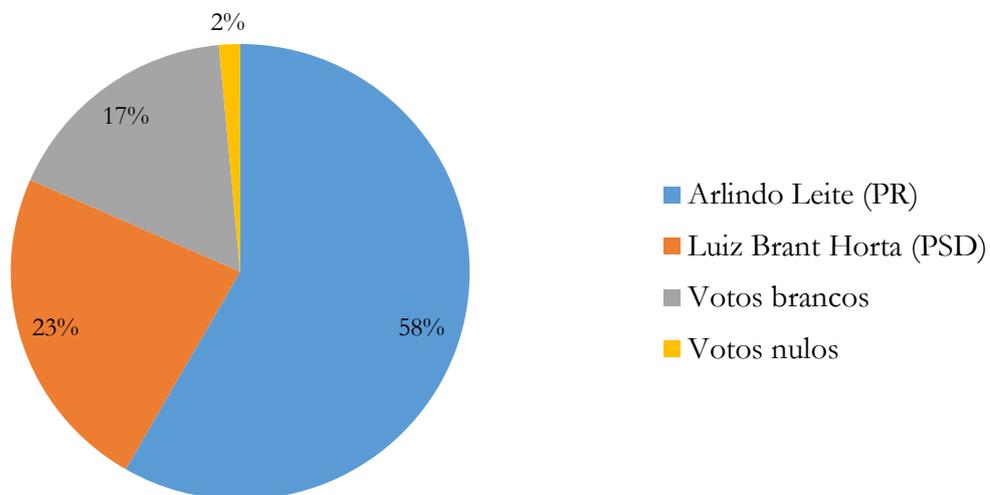


Gráfico 3: Resultado das eleições municipais de outubro de 1954 em Juiz de Fora – Legendas para vereadores

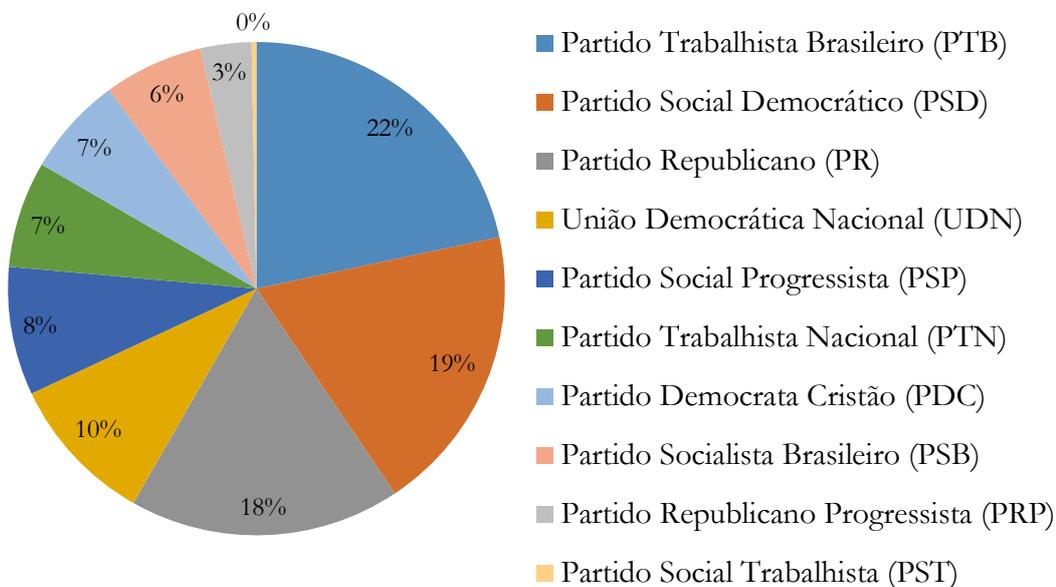


Gráfico 4: Número de vereadores eleitos por partido

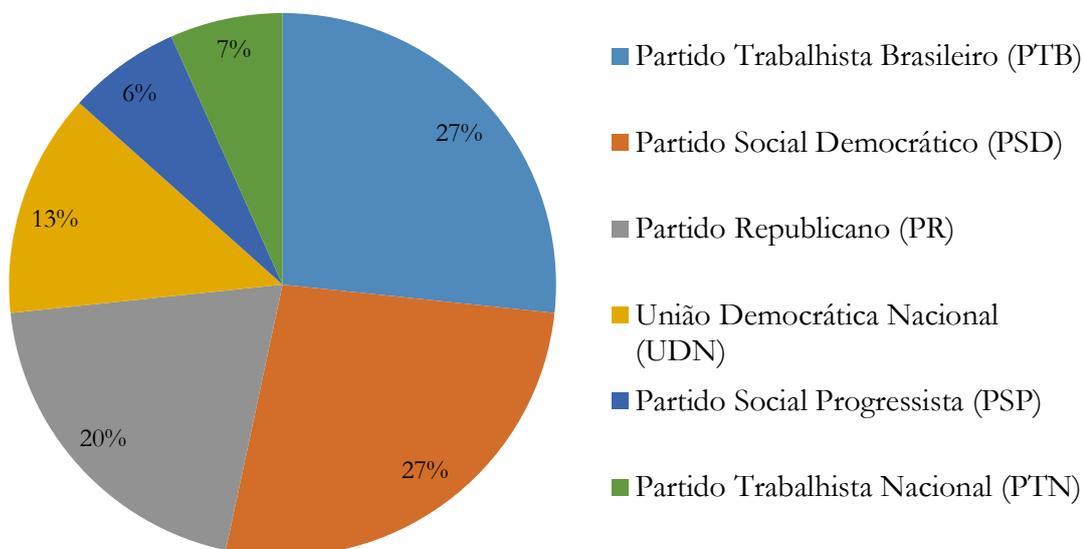


Gráfico 5: Resultado das eleições para Deputado Estadual em Juiz de Fora (1954)

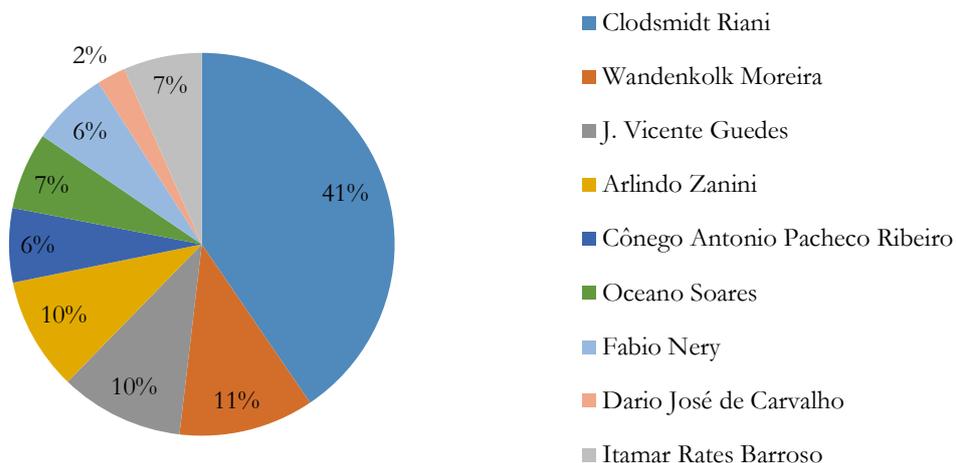


Gráfico 6: Resultado das eleições para Senador em Juiz de Fora (1954)

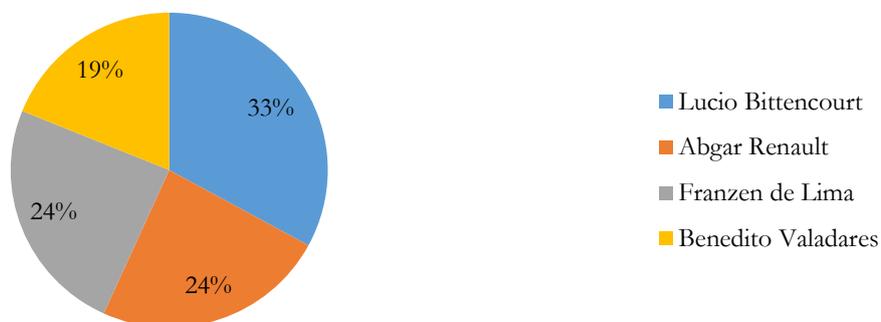
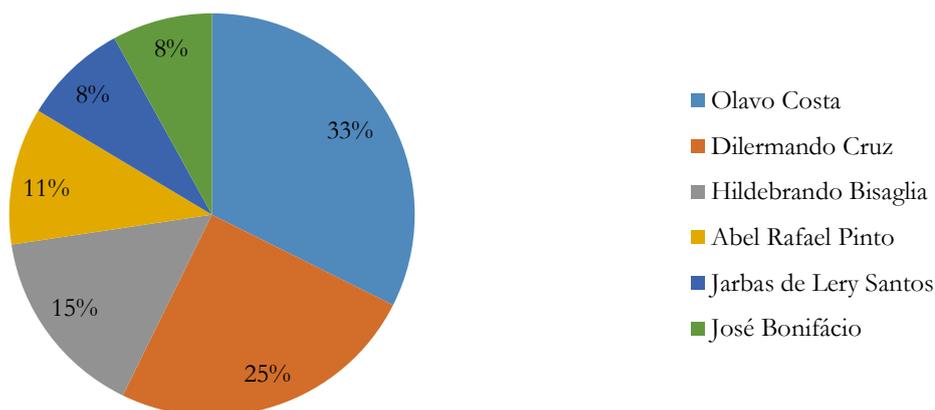


Gráfico 7: Resultado das eleições para Deputado Federal em Juiz de Fora (1954)



Prontamente, em tom de desabafo, o Jornal Gazeta Comercial emitiu opinião a respeito da vitória de Adhemar Rezende de Andrade e da administração do então prefeito Olavo Costa, não poupando críticas a Costa e elogios e esperanças em Andrade:

“O Sr. Ademar de Andrade, atualmente prefeito da vizinha cidade de Matias Barbosa, é um homem de passado limpo, sendo membro de tradicional e conceituada família juiz-forana.

Como chefe do Executivo de Matias Barbosa, s. s. goza de extraordinário prestígio, sendo considerado um dos melhores prefeitos do Estado de Minas.

Por seu passado, por sua conduta, na sociedade, como cidadão, como comerciante, como chefe de família, todos podemos ter esperanças de que o Sr. Ademar Rezende de Andrade administrará Juiz de Fora à altura de seus foros de civilização e de cultura.

O povo de nossa cidade, cansado dos desmandos, das negociatas, das vergonheiras que impediram na presente administração, respira agora desafogado, confiante como está em que o futuro prefeito restabelecerá em Juiz de Fora o clima de moralidade, de decência, de decoro e austeridade que foram, sempre, o apanágio da administração de nossa terra.

Dentro, pois, de pouco mais de três meses, Juiz de Fora ficará livre de uma administração que teve o triste mérito de ser a pior de nossa história política-administrativa.

Deus ilumine o pensamento do prefeito e de novos vereadores, para que Juiz de Fora se erga de novo e volte a ser aquela cidade altiva e admirada que já foi.”⁷⁹

A Revista “O Lince”, em sua edição mensal de outubro de 1954, também emitiu opinião acerca dos resultados do pleito de 3 de outubro na coluna “*Fragments Políticos*”:

“Os três ilustres candidatos à Prefeitura de Juiz de Fora, demonstraram-se dignos e cultos durante a campanha eleitoral, pois, nenhum combateu os oponentes, o que não se verificou nas duas eleições anteriores, em que alguns dos candidatos se excederam.

Quanto aos candidatos a outros cargos, já não podemos dizer o mesmo, já que uns dez por cento deles cometeram muitas leviandades, mal esse, insanável enquanto houver essa grande e desnecessária quantidade de partidinhos...

Contudo, já notamos no último pleito, uma grande melhoria, tanto da parte dos candidatos, como dos eleitores que agiram com mais critério.

Mas, temos ainda que nos aperfeiçoamos, pois, essa situação não pode continuar, tão grande é a falta de pudor de alguns candidatos, que não escolhem meios para ludibriar o eleitorado.

Graças a melhor compreensão de parte do eleitorado, esses elementos têm recebido ótimas lições.

(...)

Felizmente, graças ao eleitorado, vamos ter um prefeito honesto (o que não se dá com o atual) e também uma Câmara composta de homens dignos, que por certo, colocarão novamente Juiz de Fora no conceito público em posição de uma metrópole próspera e culta, regalia que sempre gozou até antes de subir as escadas da Prefeitura, o atual prefeito...

Aos juizforenses cabem agora não se precipitarem, querendo milagres, pois, no Brasil não existe prefeitura que tenha chegado a tão lastimável anarquia...

⁷⁹ JORNAL GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: Associação Comercial de Juiz de Fora, 17 de outubro de 1954, edição n.º. 8898, página 01 (“São grandes as esperanças”).

Confiamos no Sr. Ademar Rezende de Andrade e nos novos vereadores.”⁸⁰

A coligação Aliança Popular realizou um grande comício da vitória no Parque Halfeld e em seguida uma passeata de automóveis pela cidade denominado de “Giro da Vitória”, que contou com enorme massa popular e um grande número de automóveis. O novo prefeito agradeceu

“o apoio que lhe foi dado pelas agremiações partidárias citadas, pelas associações de classe e o povo, realçando na oportunidade o grande concurso que teve das massas trabalhadores que, ao contrário do que se propalava, sufragaram seu nome com grande entusiasmo, como teve ele próprio ocasião de verificar durante os trabalhos de apuração do pleito.”⁸¹

Pelo que se pode observar, em Juiz de Fora, o efeito político do suicídio de Vargas fora distinto da herança política deixada ao PTB: com o fim da apuração das urnas, o Sr. Ademar Rezende de Andrade, representante da Aliança Popular (PR, UDN, PRP e PDC) fora eleito prefeito da cidade para o período de 1955 a 1959, com boa vantagem em relação ao segundo colocado, o sr. Sílvio de Andrade Abreu (PSD-PTB-PSB)⁸². Ou seja, a oposição varguista, que o difamou perante o povo, saiu vencedor nas eleições municipais da cidade. Esse resultado pode ser explicado pelo movimento de “rasga-rasga” dos títulos eleitorais, por parte dos juiz-foranos mais consternados, levando a cerca de 40% de abstenções no pleito de 03 de outubro e abrindo espaço para os eleitores favoráveis ao candidato da Aliança Popular à prefeitura.

Já a Câmara Municipal, ficou constituída pelos seguintes vereadores eleitos: Simeão de Faria, Waldir Mazocoli, Galeno Belei e Geraldo Capute, do PSD; Gabriel Gonçalves da Silva, José Pereira Junior, Orlando Felet e Godofredo Botelho, do PTB; João Luiz Alves Valadão, Esteves Banhato e Nicolau Schuery, do PR; Guilherme de Souza e Albertino Gonçalves Vieira, da UDN; Wilson Jabour, do PSP; e Inácio Halfeld, do PTN.⁸³

⁸⁰ REVISTA O LINCE. Juiz de Fora, MG: Gráfica Jesús de Oliveira, outubro de 1954, edição n°. 1256, páginas 14 e 15.

⁸¹ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, 18 de outubro de 1954, edição n°. 3434, página 01.

⁸² JORNAL GAZETA COMERCIAL, 17 de outubro de 1954. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, edição n°. 8898, página 01.

⁸³ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diário Associados, 01 de fevereiro de 1955, edição n° 3520, página 01.

Conclusão

O presidente Getúlio Vargas governou o Brasil durante quase duas décadas (1930-1945; 1951-1954). Para algumas pessoas ele foi o “pai dos pobres”, um chefe de governo preocupado com as condições de vida do povo e com os direitos trabalhistas. Outros, entretanto, afirmam que ele foi a “mãe dos ricos”, justamente por manter o privilégio das classes abastadas e por controlar com pulsos firmes o setor trabalhador.

Essas opiniões divergentes se originaram na própria conduta de Getúlio Vargas. Grande parte do seu governo ditatorial foi caracterizada pela censura aos meios de comunicação, repressão e perseguição aos opositores e controle forte dos sindicatos. Além disso, foi sob o seu comando que o Brasil deu um importante salto em direção à industrialização de base, “assinalou a transição do país para a modernidade, imprimiu aos brasileiros um sentimento nacionalista e, principalmente, representou para as classes populares seu ingresso no campo dos direitos sociais.”⁸⁴

Partindo de que o estado de consternação verificado em todo o país, de Norte a Sul, e ainda no exterior, essa regra não fugiu à cidade de Juiz de Fora, havendo certas “manifestações de tristeza” por parte dos trabalhadores e dos partidos políticos PSD e PTB. Contudo, esse fato não trouxe consequências políticas capazes de alterar os rumos das eleições municipais de 03 de outubro de 1954, ainda que o Partido Trabalhista Brasileiro tenha tomado para si a bandeira da luta getulista, objetivando utilizar o conteúdo da carta-testamento de Vargas para apagar a imagem negativa do autoritarismo do Estado Novo, e exaltar seu papel de “líder nacionalista e reformador social”.

Portanto, não observou-se na cidade os mesmos conflitos, as mesmas agitações, os tumultos e as desordens praticadas pela população local como aqueles vistos em outros centros urbanos brasileiros, como no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Porto Alegre e em Belo Horizonte. Desse modo, “um conjunto de símbolos, imagens, ideias, expectativas, fizeram com que homens comuns, em meados da década de 1950, fossem às ruas para protestar e descarregar as suas amarguras, depredando lojas, estabelecimentos comerciais, jornais oposicionistas e tudo mais que fosse ligado aos líderes de oposição considerados os inimigos de Getúlio”.⁸⁵

⁸⁴ JORNAL PANORAMA. Juiz de Fora: Organizações Panorama, 24 de agosto de 1954, edição nº. 269, página 04.

⁸⁵ FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: **O imaginário trabalhista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 165-209.

Ainda assim, houve certa movimentação nas ruas centrais da cidade de Juiz de Fora. Exemplo disso foi a tentativa de deposição do então prefeito do município, o sr. Olavo Costa, o que levou, igualmente à maioria das capitais do país, que as tropas policiais invadissem e ficassem de prontidão contínua nas localidades a fim de tentar estabelecer a ordem. Logo, houve um certo receio, por parte das autoridades, que aquelas perturbações presentes nas cidades brasileiras, somadas ao estreitos laços dos juiz-foranos com o falecido presidente, justamente por suas realizações no município, como a regularização do Rio Paraibuna, acompanhadas de perto por ele, sobretudo em suas visitas ao município, pudessem provocar uma exaltação nos recentes corações órfãos, magoados e furiosos dos filhos, homens e mulheres juiz-foranas, do intitulado “pai dos pobres”.

Em Juiz de Fora, se supunha que o PTB obtivesse êxito nas eleições de 3 de outubro de 1954. Contudo, o resultado das urnas fora outro: o candidato Ademar Rezende de Andrade, representante da Aliança Popular (PR, UDN, PRP e PDC) venceu o pleito para ocupar a cadeira do Executivo local pelos próximos 4 anos (1955 a 1959), com certa vantagem significativa sobre o segundo colocado, o candidato Sílvio de Andrade Abreu da coligação PSD-PTB-PSB⁸⁶. Portanto, a oposição, que o difamou perante os brasileiros, venceu as eleições municipais da cidade. Mas esse saldo se explica pela ocorrência do movimento de “rasga-rasga” dos títulos eleitorais protagonizado pelos juiz-foranos mais consternados, o que levou a cerca de 40% de abstenções naquelas eleições e deu a chance para os eleitores favoráveis ao candidato da Aliança Popular à prefeitura, um indivíduo bem-visto por ter sido considerado um dos melhores prefeitos do Estado de Minas Gerais.

Enfim,

“Ninguém como Getúlio despertou tanta paixão e tanto ódio. (...) sessenta anos após sua morte, seu fantasma e as representações coletivas em torno de sua figura ainda nos rondam, provocando contestações, desafiando exegetas, contrapondo analistas. Para muitos, ele deixou uma herança de inestimáveis realizações a serviço da soberania do país e em nome do engrandecimento de seu povo. Para outros, transmitiu um legado maldito, que ‘atравanca o presente e retarda o avanço da sociedade brasileira’.”⁸⁷

⁸⁶ JORNAL GAZETA COMERCIAL, 17 de outubro de 1954. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, edição nº. 8898, página 01.

⁸⁷ NETO, Lira. **Getúlio (1882-1930)**. Dos anos de formação à conquista do poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias:

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. Edições: 24, 25 e 30/08/1954; 01, 04, 18/10/1954 e 01/02/1955.

JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados, edições: 19/04/1934; 26 e 27/07/1935; 05/08/1935; 22/04/1936; 31/05/1945; 02 e 10/06/1945; 24-29, 31/08/1954; 01 e 02/09/1954; 17/10/1954; 24/08/1955; 27/01/1959; 24/08/1974.

JORNAL GAZETA COMERCIAL. Juiz de Fora: Associação Comercial de Juiz de Fora, edições: 20-21/04/1934; 26, 27 e 31/07/1935; 03/08/1935; 19, 21-23/04/1936; 31/05/1945; 03 e 05/08/1945; 24-29, 31/08/1954; 03 e 07/09/1954; 17/10/1954.

JORNAL PANORAMA. Juiz de Fora: Organizações Panorama, edição de 24/08/2004.

JORNAL TRIBUNA DA TARDE. Juiz de Fora: Sistema Solar de Comunicação, edição de 02/11/1989.

JORNAL TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora: Grupo Solar de Comunicação, edições de 24/08/1984; 24/08/2004.

REVISTA O LINCE. Juiz de Fora, MG: Gráfica Jesús de Oliveira. Edições: agosto-outubro/1954; janeiro/1959.

Livros biográficos:

ABREU, Luciano Aronne. **Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30)**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1997.

AURÉLIO, Daniel Rodrigues. **Dossiê Getúlio Vargas**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

BOURNE, Richard. **Getúlio Vargas: a esfinge dos pampas**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

BRANDI, Paulo. **Vargas: da vida para a história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio (superv.). **Grandes personagens da nossa história**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CONY, Carlos Heitor. **Quem matou Vargas**. São Paulo: Planeta, 2004.

D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). **Getúlio Vargas**. Série Perfis Parlamentares. Brasília: Câmara dos Deputados, 2011.

DULLES, John W. F. **Getúlio Vargas: Biografia política**. Rio de Janeiro: Renes, 1967.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FRISCHAUER, Paul. **Presidente Vargas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

HARTMANN, Ivar. **Getúlio Vargas**. 2ª ed. Porto Alegre: Tchê, 1984.

HENRIQUES, Afonso. **Ascensão e queda de Getúlio Vargas**. 3 vols. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1977.

KOIFMAN, Fábio. **Presidentes do Brasil**. São Paulo: Cultura, 2002.

NETO, Lira. **Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Getúlio: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Getúlio**. Da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Juremir Machado da. **Getúlio**. Rio de Janeiro: BertBolso, 2008.

SILVA, Hélio. **Vargas: Uma biografia política**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SOARES, Leda (ed.). **Getúlio Vargas: diário**. Volume I: 1930-1936. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1995.

TEIXEIRA, Iberê Athayde. **Os ossos do presidente: A vida e a morte de Getúlio Vargas**. Santo Ângelo: Ediuri, 2012.

Bibliografia geral:

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). Os Presidentes e a República: Deodoro da Fonseca a Luiz Inácio Lula da Silva. 3ª ed. revista. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2006. 214p.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade**. São Paulo: Unesp, 2012.

BONFIM, João Bosco Bezerra. **Palavra de Presidente**. Discursos de posse de Deodoro a Lula. Brasília: LGE Editora, 2004.

CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)**. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1974.

_____. **A Segunda República (1930-1937)**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1973.

_____. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1976.

CASALECCHI, J. E. **O Brasil de 1945 ao Golpe Militar**. São Paulo: Contexto, 2002.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará/Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

_____. **O Estado Novo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **A Era Vargas.** 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. **O Segundo Governo Vargas.** São Paulo: Ática, 1992.

DIAS, Bibiana Soldera. **A repercussão do suicídio de Getúlio Vargas e o processo de mitificação *post-mortem* no Jornal Correio do Povo de Porto Alegre.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. 150 páginas. Dissertação. Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2011.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp/FDE, 2001.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista.** Getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge (org.). **O Populismo e sua História.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Vargas e a Crise dos anos 50.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LEVINE, Robert M. **O regime de Vargas: Os anos críticos (1934-1938).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Pai dos pobres?** O Brasil e a Era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LINHARES, Maria Yedda (org.). **História geral do Brasil.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

LUSTOSA, Isabel. **Histórias de presidentes: A República do Catete.** Petrópolis: Vozes, 1989.

MARANHÃO, Ricardo. **O governo Juscelino Kubistchek.** São Paulo: Brasiliense, 1985. 4ª edição. Coleção Tudo é História nº 14.

MENDES JÚNIOR, Antônio. Vargas: da eleição ao suicídio. In: GOMES, Ângela Maria de Castro et al. **História Geral da Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. V. 10.

PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SILVA, Hélio. **1945: Por que depuseram Vargas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Tancredo.** 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Uma história do Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

STEFFENS, Marcelo Hornos. **Getúlio Vargas historiografado: análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2008.

Bibliografia sobre Juiz de Fora:

DI MAMBRO, Galba Ribeiro. **Bibliografia sobre a história de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 1990. 35 p.

FONSECA, Walter. **Pequena Enciclopédia da cidade de Juiz de Fora**. Gente, fatos e coisas. São Paulo: Ícone Editora, 1987.

LOYOLA, Maria Andréa. **Os sindicatos e o PTB: estudo de um caso em Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1980 (Cadernos CEBRAP, 35). 143 páginas.

Memória da Urbe: Bens Tombados. Juiz de Fora (MG): FUNALFA Edições, 2004. 88p.

OLIVEIRA, Almir de. **A imprensa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Imprensa Universitária, 1981.

OLIVEIRA, Paulino de. **Efemérides juiz-foranas (1698-1965)**. Juiz de Fora: UFJF, 1975.

_____. **História de Juiz de Fora**. 2. ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966.

Fonte oral:

CID, Wilson. Entrevista concedida a Matheus Pinheiro Teutchbein. (CD-room) Juiz de Fora: 2013.

ANEXOS



Imagem 4: “Visita de Getúlio Vargas a Juiz de Fora em 1935”. Acervo do Museu Mariano Procópio. Presidente Getúlio Vargas ladeado, da esquerda para a direita, por João Penido, Lahyr Paletta de Rezende Tostes, prefeito Menelick de Carvalho, Afonso de Rezende, Alfredo Ferreira Lage, João de Rezende Tostes e jornalista não identificado. Ao fundo, o monumento com busto de Mariano Procópio Ferreira Lage. Segundo Paulino de Oliveira (1975), em 25 de julho de 1935, Getúlio Vargas, que havia se hospedado no dia 20 na Fazenda São Mateus com todo aparato do governo, fazia uma excursão pela cidade, visitando o Museu Mariano Procópio. No dia seguinte, realizavam-se festividades na Fazenda de Santana, em homenagem ao presidente Getúlio Vargas.

Fotógrafo não identificado
25 de julho de 1935
6,4 cm x 6 cm
AFL/MMP – 1.8



Imagem 5: “Visita de Getúlio Vargas à Fazenda de São Mateus – Juiz de Fora”. Data: 28 de julho de 1935. Arquivo de Claudia de Andrade Tostes de Vinhaes Grosso.



Imagem 5: “Homenagem das classes conservadoras de Juiz de Fora ao presidente Getúlio Vargas, que estava em visita à cidade em maio de 1945”. Disponível no Jornal Gazeta Comercial, 31 de maio de 1945, edição nº. 5912, página 02.

Transcrição da entrevista com o jornalista Wilson Cid

Tema: *Juiz de Fora e o suicídio de Getúlio Vargas (24/08/1954)*

Entrevistado: *Wilson Borrajo Cid*

Entrevistador: *Matheus Pinheiro Teutschbein*

Data: *06 de julho de 2013*

Local da entrevista: *Rua Doutor Romualdo, 520/201*

1) O senhor se lembra onde estava naqueles dias 24 e 25 de agosto de 1954? (00:00-05:10)

Wilson Cid: No dia 24 de agosto de 1954 eu estava no Machado Sobrinho, na Rua Constantino Paleta, assistindo a aula de francês com o professor Francisco Medeiros (?). Preparávamos para uma prova de Matemática com o professor León de Oliveira (?), quando o diretor do colégio, o professor Francisco Paiva Matos, interrompeu a aula para dizer que os trabalhos estavam suspensos, em função da morte do Presidente da República, Getúlio Vargas. As aulas foram suspensas e (?) a gente, eu com 14 anos de idade, não tinha sensibilidade política para entender realmente o que estava acontecendo. Na verdade, quando as aulas foram suspensas naquela manhã, corriam informações que o presidente havia morrido. Ainda não se tinha conhecimento, pelo menos entre nós, daquela tragédia do suicídio. Mas quando nós chegamos ali no Parque Halfeld já havia uma grande movimentação, porque primeiro foi a surpresa, o espanto, a perplexidade, e, depois, então vieram as preocupações com a repercussão da morte do presidente, porque essa era uma coisa muito complicada, né ?!

Ali ficamos no Parque Halfeld. Vimos aquela movimentação, aquela correria, porque é preciso entender (que) a cidade ficou muito comovida em função disso. É preciso entender a importância, Matheus, porque é o seguinte: por causa das ligações do Getúlio Vargas com a cidade. Ele sempre teve uma ligação muito estreita com Juiz de Fora, desde 1933, na formação do governo provisório, as reuniões dele aqui com (?), Olegário Maciel, com os Andradas, enfim, com aquelas lideranças todas. E depois é o seguinte: ele gostava de passar os aniversários dele (19 de abril) aqui em Juiz de Fora na Fazenda de São Mateus. Na vinda dele aqui em 1935, ele transferiu todo o governo dele para Juiz de Fora, para a Fazenda de São Mateus. Toda a parafernália de ministérios. Ele ficou 8 dias em Juiz de Fora. Portanto, ele tinha uma ligação muito estreita. Depois, essa ligação de Juiz de Fora com ele se estreitou mais ainda por causa de algumas realizações fundamentais: ele foi o homem que viabilizou a construção da F.E., que era a fábrica de espoletas, de artilharia, lá em Benfica, que teve um papel muito importante até recentemente - na década de 70, essa fábrica ainda exportava munição para o Iraque -; depois Getúlio Vargas foi também o homem que, em 1941, ele mandou que o engenheiro Hildebrando Góis viesse a Juiz de Fora para iniciar o estudo da correção do Rio Paraibuna. A correção do curso do Rio Paraibuna significava evitar as enchentes que, até então, haviam sido registradas aqui, duas delas de grandes consequências, graves consequências, uma em 1926 (?) e outra em 1940. Bom, essa foi uma grande obra que o Getúlio Vargas patrocinou para a cidade. E depois, ele foi o que autorizou a construção das casas populares na Vila Ozanan. Aquelas casas foram construídas por determinação do Getúlio Vargas. E, mais

ainda importante, que é preciso entender, é que em 1954 estava ocorrendo, exatamente a grande transformação de Juiz de Fora: no cetro da elite da aristocracia para uma cidade de lideranças trabalhistas.

O Partido Trabalhista Brasileiro era muito forte em Juiz de Fora. Foi um dos primeiros diretórios do Brasil a ser criado. Mas é que o Getúlio tinha uma expressão aqui; ele era muito prestigiado; ele prestigiava a cidade e era muito prestigiado. Em função disso, a morte dele, não apenas a morte, mas a circunstância como tudo ocorreu, causou uma grande comoção naquela manhã.

Pouco depois da notícia da morte dele, já havia um movimento no Parque Halfeld para depor também o prefeito, que era o Olavo Costa. Mas foi uma tentativa que logo foi superada. E como a situação se agravava muito, as forças armadas e a polícia aqui entraram em estado de prontidão.

(?) era uma manhã muito clara, muito bonita, mas a cidade já viveu aquela manhã de muita tensão, sobretudo ali no centro da cidade.

2) A data daquele 24 de agosto representa, representou, algo de importante para você? (05:11-06:38)

Wilson Cid: Eu vou te confessar uma coisa aqui: naquele momento de 14 anos de idade significou que iria ter uma prova de Matemática e eu escapei dela (risos). O significado naquele dia foi este. Mas enfim, pessoalmente também porque meu pai era um getulista muito fascinado com a obra do Getúlio Vargas.

Getúlio Vargas era uma figura muito interessante porque, ao mesmo tempo (em) que um ditador, um homem que rompeu com a democracia, durante o Estado Novo, mas foi um sujeito também muito paternalista com as classes trabalhistas, né ?!

Meu pai era um operário. Portanto, ele tinha uma grande admiração por Getúlio Vargas e que ficou muito consternado, todo mundo em casa ficou muito triste com aquela coisa e, em seguida, eu já entendendo aquela coisa, apesar de 14 anos, por causa dos desdobramentos no Rio de Janeiro (saques, violência), e não saber exatamente onde ia o temor de que, na cidade havia entre os sindicatos um temor muito grande porque o vice-presidente era da UDN, era um estilo político inteiramente antagônico ao do Getúlio Vargas. Os sindicatos trabalhistas ficaram muito preocupados. Essa foi a lembrança daquele dia.

3) Como foram os dias que antecederam o suicídio do Vargas no município? (06:39-08:30)

Wilson Cid: No município, os dias que antecederam aquele 24 foram o mesmo clímax que se via no resto do país, nos grandes centros do país, que era aquela disputa muito grande entre a oposição e o governo, sobretudo a oposição com o Carlos Lacerda, uma oposição muito violenta, muito drástica. E depois veio o famoso caso da Rua Toneleiros, a tentativa de assassinato do Carlos Lacerda que matou o Major Vaz. A cidade ficou acompanhando aquilo pelo rádio, pelo jornal, com muita tensão, com muita preocupação. O rádio era a principal comunicação da época, mas os melhores jornais chegavam aqui no expresso das 10 horas e muita gente ia para a estação esperar para ver o “Correio da Manhã”, “O Globo”, o “Diário de Notícias”, os principais jornais da época, que davam cobertura maior a esses fatos.

Então aquilo ascendia muito às divergências entre a UDN e o PTB. A UDN em Juiz de Fora tinha expressão, um partido de grande expressão aqui. E o PTB com os sindicalistas, os trabalhadores. Era uma tensão muito grande. Ocorria tanto aqui como no resto do país. Nesse aspecto, Juiz de Fora replicou muito os fatos que ocorria no Rio de Janeiro. Não havia Brasília, tudo era no Rio de Janeiro, depois em São Paulo.

4) E os dias que sucederam o suicídio? (08:50-11:13)

Wilson Cid: Os dias que sucederam ao suicídio foram, sobretudo em função ao que ia acontecer com o governo do Café Filho. As desordens que aconteceram no Rio de Janeiro, por exemplo, a invasão da Tribuna da Imprensa, que era o jornal do Carlos Lacerda (*não compreendi o que ele disse posteriormente*). Era aquela tensão muito grande, era o que podia acontecer.

As forças armadas de prontidão e os pronunciamentos na Câmara. A Câmara, o Congresso Nacional na época tinha grandes oradores, tanto de um lado como de outro. Então, os discursos eram acompanhados de tensão, exatamente com o que ia ser os desdobramentos daquela crise, né?!

Aí tinha razão nessa preocupação porque depois houve (*não consegui entender*) do Café Filho, que saiu, entrou Nereu Ramos, ficou aquele jogo de golpe em cima de golpe, de golpe dentro de golpe, até a posse do Juscelino. Sempre foi aquela tensão muito grande.

(*Silêncio*)

Mas a cidade tinha muita expressão, por parte do Partido Trabalhista Brasileiro e também da UDN. Tinha um grupo de udenistas liderados, sobretudo, pelo José Bonifácio, aquele povo, que tinha uma atuação muito grande. E depois era o seguinte: na realidade da época, todas as nomeações eram feitas por indicação política (delegados, professores, o reitor), era tudo indicação política. Isso acirrava muito a discussão dos partidos.

5) Como foi a reação da cidade perante a morte de Vargas? (11:14-12:16)

Wilson Cid: A primeira reação foi perplexidade. Depois a gente percebia as pessoas saindo para a rua um pouco desorientadas (“O que aconteceu?”). É preciso saber que na época você não tinha televisão, né?! (*palavras não identificadas*) As pessoas estavam na rua, procurando saber o que que era, o que que tinha havido. A Rua Halfeld cheia de gente, porque na época descia carro. (*não identifiquei*) as pessoas tomavam a rua para conversar, para ver o que achavam. De vez em quando aparecia um que subia num caixote para fazer um discurso. Isso foi um clima de perplexidade. E as forças armadas, a polícia toda na rua para evitar ataques, evitar desordens.

6) A cidade homenageou o ex-presidente? (12:17-15:30)

Wilson Cid: A cidade só homenageou o Getúlio, só homenageou mais tarde com a inauguração, em 1958, do busto dele ali no Largo do Riachuelo. Mas eu acho que a memória do Getúlio Vargas poderia ter sido mais celebrada, mas ficou só naquilo, os anos foram passando. O Partido Trabalhista Brasileiro, naquela época, fazia muita homenagem a ele, homenagem, homenagem. Em 64, quando houve aquele famoso comício do Miguel Arraes aqui, o nome do Getúlio Vargas ainda era muito citado. Isso em 64, dez anos

depois. Em agosto de 64, no décimo ano de aniversário, eu e o José Carlos fomos a São Borja, trabalhávamos na rádio, e fomos transmitir a missa do décimo ano da morte do Getúlio, em São Borja, no cemitério de São Borja e a gente já percebia que já naquela época as pessoas muito ligadas a ele e também ligadas à cidade é que estavam muito (*palavra não identificada*). Por exemplo, o Tancredo Neves estava lá, mas já não havia aquela grande presença, entendeu?! Eu acho que a cidade podia ter lembrado mais dele um pouco, sobretudo os sindicatos. Os sindicatos foram logo esquecendo, esquecendo, e hoje eles nem falam de Getúlio, né?! Uma figura apagada que ficou na história. (Tempo de conversa informal) E o Getúlio ficou nisso. Em relação à memória, há poucos estudos a respeito disso. O Partido Trabalhista Brasileiro, que era alvo da grande herança política do Getúlio, depois é que começou a se dividir na faixa entre os sindicalistas, os trabalhadores e os intelectuais, em função, sobretudo da presença do Santiago Dantas. Então isso aí contribuiu, pois o partido foi se esvaziando, esvaziando, separando, cuidando de outras eleições, aí o presidente passou.

7) Como que os acontecimentos naquelas grandes capitais como Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo e Belo Horizonte, devido a morte de Vargas repercutiram aqui na cidade? (15:31-18:37)

Wilson Cid: (palavras identificáveis) a ligação com o Rio de Janeiro era mais do que com Belo Horizonte. E que acompanhava como era a reação em função disso? Como que ia ser o enterro do Getúlio? Aquela multidão seguindo para o aeroporto, carregando o corpo do Getúlio Vargas. Mas depois as depredações, a invasão da Tribuna da Imprensa. Depois as repercussões ainda da famosa república do Galeão. A república do Galeão foi uma iniciativa dos militares oficiais da Aeronáutica para apurar realmente o que que tinha havido naquela tentativa de morte do Carlos Lacerda e a morte do Major Vaz da Aeronáutica. Isso aí levantou (*não identifiquei*) e aquilo se estendeu por vários dias. O inquérito do Galeão e o envolvimento de um irmão do Getúlio Vargas na coisa, levou o Getúlio Vargas a reconhecer que estava num “mar de lamas”. O chefe da segurança pessoal dele também envolvido, né?!, o irmão envolvido, outros membros do governo envolvido e aquilo (*não identifiquei*). O Getúlio Vargas já havia falado uma vez na possibilidade de suicídio, sabe?! Aliás, é interessante....as pessoas que partiam para o suicídio, pelo menos uma vez, já haviam cogitado dessa possibilidade. O Getúlio também naquela grande reação dele, em 32, a Revolução Constitucionalista de 32, ele chegou a confessar que na possibilidade de fracasso do governo, ele se suicidaria, ele se suicidaria. Então era essa comoção, mas como toda comoção pública elas vão soa poucos....o tempo vai consumindo, consumindo, consumindo.

(Conversa informal; poucas palavras identificadas)

Agora, aos poucos a cidade foi serenando, foi serenando, o sindicato fez as suas reuniões, suas homenagens, um minuto de silêncio, missa de sétimo dia não (a Igreja na época ainda não aceitava missa de sétimo dia para suicida, né?!). (*palavras não identificadas*) como ele mesmo disse: ele entrou na história e ficou na história.

8) O senhor acredita que o acontecido em 24 de agosto de 1954 afetou o rumo das eleições municipais na cidade de Juiz de Fora? (18:38-19:42)

Wilson Cid: Em 54, logo depois... a primeira importante que houve foi a de....58. Não, não chegou a afetar porque o PDC e o PSD eram muito fortes, e o PTB elegeu o vice-prefeito que era o Arlindo Leite, mas não conseguiu fazer o prefeito que era....aquele que estava na época.....era aquele jogo: saí o Adhemar Andrade, entra o Olavo Costa, saí o Adhemar Andrade, entra o Olavo Costa. Quando houve o suicídio, o prefeito era o Olavo Costa. Depois veio o Adhemar Andrade que era do Partido Democrata Cristão, UDN, coligação e tal. Não afetou não.... a comoção da morte dele não chegou a causar nenhum.....fato eleitoral não.

9) A figura do Getúlio Vargas significou algo de importante para Juiz de Fora? (19:43-23:24)

Wilson Cid: Pra Juiz de Fora, eu acho que significou mais em função mais de....que ele tinha uma empatia muito grande com Juiz de Fora em função....O Getúlio Vargas não gostava de passar os dias de aniversário dele com a família. Ele tinha problemas com os familiares lá.....e ele preferia se refugiar aqui, graças a amizade dele com a família Tostes....ele vinha aqui para a Fazenda de São Mateus. A Fazenda de São Mateus até hoje tá lá o quarto (*não identifiquei o restante*) e o fato dele sempre estar presente aqui, ele tinha que ouvir muitas reivindicações da cidade, né?! Em função disso, ele realizou algumas coisas, sobretudo, sobretudo essa questão do Rio Paraibuna. Hoje a gente não pode avaliar isso, porque nós não temos enchentes como tinha aquelas conseqüentes como a do Natal de 1940 que a água do Rio Paraibuna veio aqui no central, isso aqui cheio de barco. As coisas ficaram feias. Nós morávamos, em 1944, morávamos no Poço Rico, tinha dia que o rio vazava (*não identifiquei*). Essa foi uma grande obra dele, porque na época as coisas eram realizadas muito de acordo com o desejo pessoal do presidente. Ele mandava, *tava* mandado. Igual ele mandou essa correção do curso do Rio Paraibuna.... a decisão pessoal dele que foi feito lá, motivado pelas conseqüências da enchente de 1940. E depois fez aquelas obras populares, né?! Ele sempre atendia muito aquelas reivindicações... e ele gostava muito de tomar certas decisões pessoais com a relação a Juiz de Fora. Por exemplo, (silêncio) foi decisão dele, pessoal, ele nomeou Lindolfo Gomes professor da Escola Normal, sem avisar o interventor Benedito Valladares. O Benedito quase rompeu com a ditadura porque não foi consultado sobre a nomeação, porque o Getúlio “ah, Juiz de Fora, deixa eu fazer eu mesmo aqui”. Tinha grande amizade com Jarbas de Lery Santos, que foi deputado federal (???) e a família Tostes, que ele prestigiava muito, ouvia muito. E a cidade ficou devendo ele essas coisas (*não conseguiu identificar o restante*).

10) O senhor se lembra do episódio que os manifestantes queriam tirar o Olavo Costa da prefeitura após o suicídio de Vargas? (23:25-27:03)

Wilson Cid: É, foi logo em seguida né?! Eles queriam aproveitar a onda de protestos e subiram lá e... mas ele acabou descendo nos braços dos correligionários dele. Durou muito pouco essa tentativa. Foi muito mais uma desordem do que uma iniciativa política. Aquele movimento corre pra lá, corre pra cá e muita polícia na rua. “Ah, vamos tirar o Olavo também!” Mas isso durou pouco. O Olavo saiu até fortalecido daquilo ali, sabe?! Ele era do PSD, do velho PSD, hoje nós temos outro PSD. Ele era muito ligado ao Benedito Valladares, que era padrinho do filho dele (???) Costa, muito ligado ao Amaral (?)

Peixoto, que era do PSD, genro do Getúlio Vargas. Havia essas ligações aí que ajudavam muito a facilitar o trâmite das coisas em Juiz de Fora. A única coisa que estava na eminência de ser de Juiz de Fora e não foi possível, não se conseguiu foi a sede da Companhia Siderúrgica Nacional. Estava praticamente pronto para ser de Juiz de Fora e acabou indo para Volta Redonda.

(Ele interrompeu para atender o celular)

Ele sempre foi muito prestigiado popularmente também. Se fazia desfiles. Uma das visitas dele, subindo a Rua Halfeld em carro aberto... milhares de pessoas aplaudindo. Na Rio Branco também. Sempre foi muito bem recebido. Nessa visita que ele fez a cidade, em 1935, que ele ficou aqui uma semana, ele saiu em visita às obras, foi visitar as obras (*não consegui compreender*), foi ao museu, foi visitar a F.E., foi até a sede do quartel da quarta região militar. E sempre muito bem recebido, sempre muito bem recebido. E era interessante porque ele era muito prestigiado pela elite, mas ele era tido assim como patrono dos trabalhadores, o homem que se preocupava com o trabalhador. Isso fez com que as pessoas realmente o estimassem. Ele era muito bem recebido.

Interessante sobre esse aspecto se faz lembrar muito a recepção aqui a Dom Pedro II. Dom Pedro II também prestigiava demais Juiz de Fora, né?! E era muito bem recebido. O Getúlio Vargas nessa visita mais longa, ele foi uma noite participar de uma de samba na Fazenda Santana. Centenas de pessoas, um calor popular em torno dele.

11) Então aquelas desordens que aconteceram no Rio de Janeiro e em outras capitais, aqui em Juiz de Fora não aconteceram, pois a polícia sempre esteve presente nas ruas? (27:04-28:31)

Wilson Cid: E não só por isso também. Pelo fato de que... a cidade era mais pacata mesmo, né?! E depois o Rio de Janeiro foi a cena da tentativa de assassinato do Carlos Lacerda, foi a cena da república do Galeão, foi a cena da morte..., era a sede do governo, o Palácio do Catete. Lá as coisas foram mais quentes. (*Trecho indecifrável*) As pessoas não saíam assim quebrando tudo não, mas elas se juntavam, faziam grupos, discutiam, procuravam os homens do Partido Trabalhista Brasileiro para saber o que achavam, o que ia acontecer. Esse clima demorou uma semana, mais ou menos, uma semana.... 24 de agosto de 54.... vamos agora para 60 anos, né?!

Eu gostaria de deixar esse espaço para o senhor poder fazer algum comentário a respeito do assunto, que não foi abordado aqui, que o senhor queira comentar sobre a época. (28:56-32:35)

Wilson Cid: Eu vejo em relação ao Getúlio Vargas, me perguntam qual a razão do prestígio dele. Primeiro que nós tínhamos naquela época lideranças muito nítidas. As pessoas eram líderes mesmo. Então falavam assim: “as coisas tem que ser tratadas com os Tostes, com o Antônio Carlos de Andrada ou com o João Penido”. As lideranças eram muito nítidas, entendeu?! Raramente as coisas escapavam da decisão política. A outra parte foi que a cidade tinha dois partidos fortes, exatamente os dois que o Getúlio Vargas criou: o Partido Trabalhista Brasileiro e o PSD. Esses partidos, algumas vezes aliados aqui, mas sempre partidos do presidente. Olavo Costa, por exemplo, seguia fielmente a orientação do PSD, fielmente, ele não brincava com as coisas não. Então eu acho que o Getúlio Vargas significou isso. Coincidiu a época dele com Juiz de Fora (*não*

identifiquei). A nitidez das lideranças que tinha um acesso fácil a ele. O acesso ao presidente, na época, era muito fácil né?! As coisas hoje são muito complexas. E isso ajudou a Juiz de Fora a ter um prestígio político, a partir de Tostes, o João Tostes, por exemplo, ser indicado por ele Presidente Nacional do Café, mas ficou por pouco tempo. O Jarbas de Lery conseguiu trazer outras obras pra cá (*não consegui entender o restante*). O que ao meu ver fica de mais dessa ligação do Getúlio Vargas com a cidade é a nitidez das lideranças para reivindicar e ele atender rapidamente. Foi um momento muito interessante da cidade. Hoje, a coisa é um pouco mais difusa. Hoje, eu te pergunto qual é o deputado que chega no presidente e exige alguma coisa dele? Hoje as coisas são mais complicadas. Com o Getúlio Vargas as coisas eram mais fáceis. Eu vou repetir para você: a gente não vê, hoje, a ideia de como era complexo uma obra essa como a da correção do Rio Paraibuna. Hoje a cidade não tem nem o que cuidar disso. As coisas eram complicadas demais. Essa obra foi caríssima. Foi caríssima. Hildebrando Góis chegou aqui, fez a primeira reunião com as autoridades (*não compreendi o restante*). O Getúlio Vargas se preocupava pessoalmente com a realização dessa obra, que foi muito importante. Se não fosse isso, eu vou te dizer uma coisa, a cidade não estaria hoje como está. Eu penso que foi isso, a importância (*não entendi o restante*).

O restante é composto por conversas informais: 32:36-52:05.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno Matheus Pinheiro Teutschbein, portador do RG MG-17.075.744 e CPF 107.222.616-24, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela Universidade Federal de Juiz de Fora, sem limitação de tempo ou de número de exposições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 06/07/2013, pelo aluno e UFJF, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exposições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da Universidade Federal de Juiz de Fora, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno e a UFJF poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Juiz de Fora, 06 de Julho 2013.

Assinatura: _____

Nome: _____

Endereço: _____

CPF: _____

Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Campus Universitário - Bairro São Pedro, Juiz de Fora - MG,
36036-900